

Alvo de Surpresas

O amanhecer chegou mais rápido do que o esperado para os jovens escolhidos. Os primeiros raios de sol iluminavam seus rostos enquanto corriam rumo à casa de Kai. Logo, todos se acomodariam em seus apartamentos no hotel, aguardando o amanhã que traria, enfim, a grande partida para o Brasil.

— Filho, você pegou tudo? Roupas, seus remédios? E os documentos? — Perguntou Cordélia, ajustando as vestes de seu filho.

— Mãe... não precisa de tudo isso... Eu não sou mais criança. — Respondeu Kai incomodado.

— Sii educato, ragazzo. Sua madre só está preocupada com você, e jamais deve sentir vergonha disso. — Disse Marco, bagunçando os cabelos ondulados de Kai com um leve sorriso.

— Bem, vamos logo que o tempo é crucial e não quero perder o voo. — Apressou Nik impaciente dando buzinas no carro.

— Olha, eu preparei alguns lanches para vocês comerem no caminho, se não incomodar. — Disse Cordélia, entregando uma sacola nas mãos de Sophia, que ficou um pouco envergonhada, mas agradecida.

— Não precisava, senhora Cordélia...

— Wow, lanches? How delightful! — Exclamou Ray, sorrateiramente pegando a sacola das mãos de Sophia e indo correndo para o carro sorridente.

— Ray! — Protestou Sophia,

— Não se preocupe, eu fiz tudo com muito amor para vocês. Eu... — Hesitou Cordélia, por um instante. fundo e, com um sorriso que tentava esconder a preocupação, completou: — ...Não sei se sou uma boa mãe, entregando meu filho a estranhos que conheci ontem, mas ao mesmo tempo, sei que salvaram a vida de todos. E, de algum jeito, sinto que deixando em suas mãos ele estará seguro.

— Mãe...

— Conto com vocês. — Finalizou Cordélia, segurando firme as mãos de seu filho. Seu sorriso sincero se misturava a lágrimas discretas que escorriam pelo rosto.

— Pode ter certeza de que ele estará em boas mãos. Eu garanto! — Afirmou Sophia confiante.

Todos já se acomodavam no carro, deixando apenas Kai ao lado da mãe para a despedida final.

— Tem certeza de que não quer carona? Está tudo bem mesmo, mãe? — perguntou Kai, em voz baixa.

— Eu ainda preciso preparar minha mala, mas não se preocupe comigo, filho. Talvez eu não tenha sido a melhor mãe, mas, desta vez, quero fazer a decisão certa. — Colocou/pousou suas mãos ao redor do rosto de Kai, acariciando-o suavemente. — Você é igualzinho ao seu pai... um coração bondoso e generoso. Quero que continue assim. Promete?

Kai a abraçou com força, sussurrando “Eu prometo”, com a voz embargada pelas lágrimas. Se afastou lentamente e já dentro do carro, antes de partir, gritou:

— Eu te amo, mãe!

Os olhos de Cordélia brilharam ao ouvir aquelas palavras. Ela acenou com uma das mãos enquanto a outra apertava o próprio peito. O coração aflito de mãe encontrou alívio na promessa do filho, aquecido por uma centelha de esperança. A esperança de algo maior em sua vida. O carro se afastava, e, quando a silhueta já não podia mais ser vista, um suspiro escapou de seus lábios:

— Eu também, meu filho... — sua voz dissolveu-se como uma névoa ao amanhecer.

O carro percorria entre as ruas de Santa Monica, cruzando o antigo pier que, antes, encantava multidões com seu parque sobre o mar. Agora, restavam apenas destroços e lembranças. Mas, logo adiante, algo chamou a atenção. Um pouco mais para frente havia um aglomerado de pessoas um pouco próximos à destruição:

— Hey! hey! What is that? — Perguntou Ray apontando para o local.

— Eu não sei..., mas é melhor averiguar. — Respondeu Sophia. Nik imediatamente estacionou o carro e todos se aproximaram. A multidão murmurava, chorava, jornalistas registravam a cena, enquanto oficiais tentavam conter a confusão.

No centro, sobre a areia iluminada pelo sol, jaziam dois corpos. Pelos comentários ao redor, tratava-se de mãe e filha. Porventura estavam mortas brutaemente: A filha estava irreconhecível, os olhos arrancados e todas as unhas das mãos e dos pés ausentes. Por fim, um corte brutal que rasgava do pescoço até o fim de seu abdômen, com as viseiras para fora espalhada ao redor. Sua mãe jazia caída de costas, mas o sangue revelava que sofrera o mesmo destino terrível. Sua coluna vertebral era visível exposta cintilada sob a luz, com quantidade de sangue derramado na areia úmida e rosada. Sua mão parecia estendida em direção à filha, mas fora interrompida. Sua mão estava decepada, desaparecida. E um pouco

acima das cabeças das vítimas, dois corações repousavam, dispostos no chão. O sangue ao redor formava um grotesco contorno em formato de coração. E, ao lado, os intestinos sido organizados em um símbolo estranho... familiar demais para quem o reconhecesse.

O olhar curioso de cada um logo se transformou em arrependimento. A imagem grotesca feria até mesmo os mais fortes. Principalmente Ray e Marco que empalideceram:

— Aquelas... Não pode ser... — Murmurou Marco com as mãos trêmulas. Sophia observa os dois imóveis, enquanto apertava levemente a mão de Kai. Ele, por sua vez, levou a mão à boca, sufocado pelo horror.

Não demorou muito para que Kai se afastar, soltando bruscamente a mão de Sophia. Seu rosto estava pálido, os olhos marejados e o corpo tremiam como se fosse desabar a qualquer instante. Cambaleou alguns passos até encontrar um canto, onde se curvou e vomitou. Nik e Ray, se entreolharam e ao verem a situação correram em sua direção para ajudá-lo. Sophia, porém, fixou-se nos detalhes. Duas coisas chamavam sua atenção em meio àquele massacre retirado em um filme de terror: Primeiro, o símbolo estranho formado com os intestinos as letras α e Ω ; E o segundo, o que acabara de acontecer diante de seus olhos. Um dos oficiais levantou a cabeça da mãe, analisando os ferimentos. Seu rosto estava quase intacto, exceto por uma marca gravada na testa: a letra “L”.

— Alfa e ômega...? E um L? — Murmurou Sophia ainda analisando o corpo. Um arrepio percorreu sua espinha quando sentiu as mãos geladas de Nik pousarem em seu ombro.

— Melhor irmos... — disse ele, acenando com a cabeça em direção a Marco. Sophia o seguiu com o olhar. Marcos estava paralisado, respiração entrecortada, suor frio, mãos trêmulas. Parecia hipnotizado pelo horror, como uma criança diante de um trauma impossível de suportar.

— Marco? — Chamou Sophia, aproximando-se. Ele não respondeu até sentir o toque quente dela em seu ombro: — Você está bem?

Marcos respirou fundo, tentando recuperar o controle. Por fim, afastou-se, disfarçando o pânico com seriedade:

— Por que eu não estaria?

Ninguém insistiu. Todos voltaram para o carro em silêncio. Esse silêncio permaneceu durante todo o caminho até o aeroporto, pesado como chumbo.

Já dentro do avião, antes de se sentar, Kai rompeu o mutismo:

— Foi minha culpa? Que...

— Claro que não. Aquilo foi... — Hesitou Sophia escolhendo as palavras enquanto se sentava ao lado dele. — Não vamos falar disso agora, em meio à decolagem. Mas de uma coisa pode ter certeza, isso não foi culpa sua.

— Então quem fez isso? E por quê? — Insistiu Kai.

— Não sei..., mas acho que não vai demorar muito para descobrirmos. — Afirmou Sophia e, logo depois, abriu um sorriso, tentando quebrar o peso do assunto. — Está melhor? Não consegui perguntar depois da praia.

— Eu estou bem... Só não consegui aguentar naquela hora. Mas preciso ser forte.

— Sim, tem toda razão. — Respondeu Sophia com firmeza. Por fim, aproveitou para lançar um olhar rápido aos outros assentos. À sua frente, Nik e Ray conversavam em voz baixa, como se tentassem enterrar a lembrança daquela cena grotesca. Do outro lado da cabine, Marcos permanecia de braços cruzados e olhos fechados, aguardando a decolagem. Um descanso forçado. Mas sua postura tensa denunciava o contrário.

Sophia sentia o peso no ar. Aquela imagem na praia havia marcado todos especialmente Ray e, de forma ainda mais evidente, Marcos. Por quê? Qual a ligação deles com as vítimas? Quem teria sido capaz de tamanha atrocidade? Ela não tinha respostas, mas uma certeza se fixava em sua mente: aquilo não era apenas violência. Era um aviso. Um presságio de que algo muito mais perigoso estava por vir.



— *Buongiorno, dormiglione! Andiamo subito!*

Abro rapidamente os olhos, tomado por uma animação imediata. O chamado alegre de minha *madre* derrama uma energia imensa em meu corpo. *Mi chiamo Marco*, e esse foi um dia antes de eu ser escolhido pelo deus Ares. O deus que trouxe desgraça para *la mia famiglia*.

Desço as escadas às pressas, ansioso pelo grande café da manhã.

— *Buongiorno, mamma!*

— *Fratello!* — Gritou minha irmã Aurora, correndo para os meus braços.

— Minha querida... Já se alimentou? — Perguntei carregando-a com orgulho e alegria.

— Como sempre, ela estava esperando por você. — Comentou meu irmão Francesco, emburrado, ajustando seus óculos no rosto.

— Acordou com o pé esquerdo? — Brincou o mais velho, Alessandro. Assentando-se ao meu lado com um sorriso animado. Logo em seguida, meu *papà* chegou, igualmente alegre como sempre. Não demorou muito para todos se acomodarem à mesa. Enquanto compartilhávamos o café da manhã, percebi que era o momento perfeito para apresentá-los.

Essa é la mia famiglia Lívio. Moramos em uma pequena vila em Sequals, na Itália, e somos uma grande família. Meus pais e mais 07 filhos, começando pelo caçula ao mais velho: Pietro, Aurora, Francesco, eu, Alessandro, Martina e Vittorio. Sim, como eu disse, somos muitos, e sempre fomos o exemplo de conhecimento e união na vila. Claro, a mesa ficou um pouco mais vazia com Martina e Vittorio, que já formaram suas próprias famílias, mas eles nunca deixavam de aparecer de vez em quando para prestigiar nossos encontros. “Uniti vinceremo, come una famiglia.” Esse é o lema dos Lívio, que traduzido seria “Unidos venceremos, como uma família.” Sempre seguimos com força, coragem e amor em nossos caminhos. Isso só aumenta meu orgulho de carregar esse sobrenome.

— Falta três dias, filho. Sei *emozionato*? — Perguntou *papà*.

— É lógico! Não vejo a hora de mostrar minhas habilidades no ringue! — Respondi, levanto-me com empolgação assumindo a postura de defesa no boxe.

— Sem lutas na mesa! Estamos no meio do café da manhã. Guarde suas forças para a competição.

— *Leccaculo*... — Murmurou Francesco, incomodado. — Não precisa ficar se achando. Todo mundo sabe do torneio de boxe.

— Não seja assim, Francesco. O Marco só está animado. Alguém precisa seguir o ramo da luta. — Disse Alessandro, sempre conciliador.

— *Vincerai*, Marco! — Gritaram Pietro e Aurora em coro, cheios de entusiasmo.

— *Grazie, fratellini!*

— *Bene, andiamo, figlio mio*, precisamos treinar e abrir a academia. — Finalizou *papà*, finalizando o café e se levantando. Rapidamente, peguei alguns pedaços de *focaccia* e corri para acompanhá-lo.

— *Calmati, se non vai ingoiare di traverso!* — Advertiu *mamma*, mas já era tarde.

— *Ciao mamma! ciao fratelli!* — Respondi, ignorando o aviso, antes de bater a porta com firmeza. E, como se fosse uma premonição, logo comecei a me

engasgar, forçando socos no peito para ajudar a descer a comida. Ainda tossindo, alcancei meu pai, que, alegre como sempre, começou a cantar sua música favorita: *L'italiano*, de Toto Cutugno. Mesmo antiga, era uma das mais famosas da Itália, e bastava a melodia para aquecer o coração de todos que se deixavam-se levar por aquele encanto.

Se você vier até onde moro, vai se sentir dentro de um filme musical. Mas, apesar da atmosfera da vila, não é isso que mais chama atenção sobre a minha *famiglia*, e sim a nossa academia. Temos a maior academia de boxe de Sequals e, sim, foi a nossa família quem treinou o lendário Primo Carnera. Meu pai ainda era criança na época, mas o boxe foi passando de geração em geração até chegar a mim. Onde desejo tanto me tornar um profissional e, claro, seguir os passos da *famiglia*, mantendo viva a chama da academia. Porém, para mim, o que mais nos define não é apenas a tradição no boxe, e sim a nossa impulsividade generosa. Por mais que tentemos evitar, sempre que alguém precisa de ajuda largamos tudo para socorrer, mesmo que seja um ato inconsequente. Talvez seja esse o verdadeiro motivo de o deus da guerra ter me escolhido.

Voltando ao assunto da academia, geralmente a tradição é que seja passada ao filho primogênito. No entanto, meus irmãos mais velhos sempre a evitaram como se fosse um destino trágico. Vittorio se empolgava até conhecer sua futura *donna*, Martina também seguiu outros caminhos, Alessandro sempre desconversava. É sobrou para mim. Parece que tirando os caçulas, eu sou o mais empolgado e isso trazia orgulho ao meu pai. E agora, com o torneio da cidade se aproximando, quero provar meu valor.

A abertura da academia sempre iluminava o ambiente, atraindo jovens e crianças para as aulas no ringue. Um dos momentos que mais amo no dia. Observar cada aluno suando, aprendendo e se esforçando era algo admirável principalmente enquanto meu pai, na linha de frente, os orientava com dedicação. Mas, naquele dia em especial, havia algo diferente. Eu não sabia explicar o quê... apenas sentia.

— *Papà?* Marco? — Chamou Alessandro, entrando animado com nossas marmitas. Fiquei surpreso. Já tinha passado tanto tempo assim?

— Nossa... já é o horário do almoço? — Perguntei, quase rindo.

— Como sempre, perdidos no tempo. Pode ficar tranquilos, eu assumo aqui. Vocês precisam comer e descansar. Ordens da *mamma*.

Assenti obediente e fui para os fundos, onde ficava meu canto secreto de descanso. Era o único lugar tranquilo que eu tinha reservado para os cochilos depois do almoço. Meus raros momentos de silêncio. Porventura. Não sei o porquê, mas me sinto tão inseguro para dormir hoje... O peso da insegurança me impedia de

relaxar totalmente. Ainda assim, após comer, o cansaço venceu e lentamente adormeci.

Quando abri os olhos, já não estava mais na academia. Um lugar novo, mas ao mesmo tempo, familiar... O céu nublado começava lentamente se abrir, revelando os raios lunares que iluminava o ambiente. Então o reconheci. O famoso Coliseu, em Roma. Eu já havia estado aqui uma vez, quando era mais novo, mas não imaginava que estaria aqui novamente... e sozinho.

— Finalmente, nossa luta vai acontecer, garoto. — Uma voz ecoou pelas paredes do Coliseu vazio, firme e ameaçadora.

— *Perdono?* Quem está aí? — Pergunto, procurando a voz misteriosa, até que uma sombra se aproxima. Seus passos eram pesados, como grandes rochas latentes sobre o chão. Usava um capuz e um elmo dificultando sua aparência.

— Todo guerreiro precisa se apresentar antes da morte certa. Algo honrado, mas inútil que vocês humanos insistem em manter.

— O senhor fala como se não fosse um humano. Para a...

— A família Lívio é uma educação se apresentar. Mas não precisa. Eu sei tudo sobre você, garoto. — Interrompeu.

— Quem é...

— Vim trazer uma proposta, então não vamos perder tempo. Eu sou o todo poderoso Ares, o deus da guerra, filho de Zeus e Hera. Estou escolhendo você, mortal, para herdar os meus poderes, tornando-se o guerreiro mais forte de todos.

— Ares? Um deus? O que um deus quer comigo?

— Eu conheço sua história. Sua determinação relutante, mas bravamente digna de um guerreiro. Você é um mortal que, mesmo caindo, não se rende fácil. Um guerreiro forte o bastante para resistir a guerra que está por vir.

— Guerra?

— A extinção da humanidade está próxima. Alguns mortais, que receberam a compaixão de outros deuses, se tornaram ganancioso e precisam de uma boa surra para voltarem ao seu lugar.

— Outros? Então não sou o único que está nessa situação... Parece divertido bancar o super-herói, mas eu tenho um torneio para vencer.

— E não precisa de força necessária para tal ato? Eu estou oferecendo a força de um deus. O deus que venceu guerras, destruiu adversários e resistiu qualquer ataque que estava em meu alcance. Seria como uma bondade única que permitirei em troca de eliminar o lixo do mundo.

— Acha mesmo que eu preciso do poder de um deus para conseguir aquilo que eu quero? Se diz um deus, mas parece que não me conhece de fato.

— Confiante demais para um mortal... — Num movimento rápido, Ares desfere um soco de direita que atinge meu rosto, jogando-me contra as paredes do Coliseu. Minha coluna vibra com a dor constante, e sangue jorra brutalmente da minha boca caindo junto ao seu corpo. — Mas continua fraco.

Levanto a cabeça, tentando me erguer, mas o corpo pesado e a dor me esmagam. De repente, um som ecoa, agudo e real demais para ser ilusão, intervindo nossas ações:

— Marco? *Fratellino*? — Essa voz aguda de preocupação... é a Aurora?

— Onde ele se meteu? Marco? — Francesco gritava, nervoso, mas com um leve tom de preocupação. Logo outras vozes ecoaram, toda a família me chamando, gritos de apelo enchendo o Coliseu.

— Olha só... toda a família reunida. — Disse Ares com um tom de malícia.

— Se encostar um dedo ne... — O engasgo do sangue me impede de continuar.

— Ameaçando um deus? Não me faça rir. Não consegue nem se levantar muito menos fazer um arranhão em mim. Você não disse que não precisar do meu poder? Quero ver como vai proteger sua família nesse estado. — Gargalhou desaparecendo diante dos meus olhos.

— Marco! — O grito de *mamma* ecoou, tão forte que fez meu coração estremecer. Meu corpo ainda doía, minha boca ainda sangrava, mas aquela voz não era apenas um chamado... era desespero.

— O que estão fazendo a... Ahhh...! — O toque da mão de *mamma* me fez contorcer, a dor rasgando como fogo pelo meu corpo. De longe, vi Martina e Vittorio virarem o rosto de Pietro e Aurora, impedindo-os de encarar meu estado miserável.

— *Stronzo*! Você sumiu por um dia inteiro! Está pensando no quê?! — Gritou Francesco, a voz trêmula de nervoso.

— Merda, *figlio*! O que aconteceu? Chama a ambulância rápido! — *Papà* se aproximou, desesperado ao ver meu rosto roxo e a pele aberta pelo impacto contra a parede.

— Ainda bem que recebemos aquela mensagem daquele senhor... — Murmurou Alessandro, tentando entender a situação procurando o celular.

— Que mensagem? Que homem? — Perguntei, tossindo sangue. Antes que pudesse ouvir a resposta, um grito cortou o ar.

— Aaaaaaaaahhhhhhhh!!! — O som desesperado das crianças ressoou como um alarme.

Mais adiante, Vittorio tentava recuar com Pietro e Aurora em seus braços, mas seu olhar estava preso na cena à frente. Martina estava imóvel. Seus olhos, antes firmes, se moveram lentamente para baixo, onde a mão ensanguentada atravessava o vestido branco de renda, tingindo-o em vermelho. O golpe havia sido tão rápido e brutal que seu corpo só reagiu segundos depois, com uma tosse fraca e um fio de sangue nos lábios.

— Marina! — Gritou Aurora, tentando correr até ela, mas foi contida pela mão firme de Vittorio que rapidamente a puxou carregando Pietro em seu colo, correndo para o nosso encontro, desesperado.

— *Farabutto!* — Rugiu *papà*, os olhos se enchendo de fúria e horror.

A mão ensanguentada deslizou lentamente para fora do peito de Martina, e seu corpo caiu para frente, pesado, sem vida. Atrás dela, revelando-se das sombras com um sorriso cruel, estava Ares.

— Que bela família... — Disse o deus, sua voz carregada de ironia e triunfo.
— Vamos ver quanto tempo consegue protegê-los.

— Não... Não! Ele vai matá-los! Vocês têm que sair agora! — Gritei, mas ninguém parecia escutar. O pânico dominava demais para perceber ou concluir algo. Vittorio corria apressado com as crianças, *mamma* chorava ajoelhada, *papà* assumia posição de luta, e Francesco e Alessandro estavam ao meu lado, sem saber o que fazer. — Alessandro!

Ele me olhou, firme, mas apavorado... e antes que pudesse reagir, Francesco gritou:

— Se abaixem! — Tarde demais. O ar se rompeu com o som da lâmina. A espada colossal de Ares atravessou Vittorio em um corte único, arrancando-lhe a cabeça. O sangue respingou sobre Pietro e Aurora, que caíram ao lado do corpo decapitado do irmão. O grito deles ecoou como uma ferida aberta, espalhando o desespero pelo ambiente. Ares caminhava devagar, arrastando sua espada pelo chão. Faíscas saltavam da lâmina, rangendo como unhas em um quadro-negro, trazendo dor não só aos ouvidos, mas à alma.

— Aurora! Pietro! — Gritou *mamma*, apavorada.

— Peguem as crianças e saiam daqui! — Ordenou *papà*.

— O quê? Espera, pa... — Alessandro começou, mas foi interrompido.

— Ei seu canalha! Por que não pega alguém do seu tamanho?! — *papà* rugiu para Ares, firme como um muro diante da morte. Chamando sua atenção. — Se é uma luta que quer, então seja justo!

Um silêncio pesado caiu.

— Tal pai, tal filho. — Ares murmurou, um sorriso macabro abrindo-se em seu rosto. Lentamente, largou a espada, deixando-a tilintar no chão. A energia no ar mudou, sufocante, quase palpável que começou a incomodar. — Está bem. Você venceu! — Disse em tom alto, como se fosse um presente envenenado.

— Corram agora! — Gritou *papà* em posição de defesa, antes de se lançar contra ele. Seu grito foi como um suspiro levado pela força de Ares.

O choque foi brutal. Ares o atingiu como um raio, esmagando-o contra a parede. Alessandro não perdeu tempo e correu, agarrando os caçulas. Mas Francesco... Francesco estava imóvel, petrificado, incapaz de desviar o olhar daquela criatura brusca atacando ferozmente nosso *papà*. Ares golpeava sem piedade. Socos rápidos e contínuos, cada um mais violento que o anterior, cravavam o corpo de *papà* contra a parede. Seus braços resistiam exposto em defesa, mas em pouco tempo foram atravessados. O rosto, antes firme, agora se esmagava a cada impacto, até que já não era mais reconhecível. E mesmo assim... ele não caía...

— *Mamma!* Francesco! Agora! — Gritou Alessandro, puxando-os desesperados. Francesco desperta de seu pânico e voltou os olhos para mim e para *mamma*, que começava a se levantar.

— Cuidado! — Gritou Aurora nos alertando do próximo ataque. Porém, o alerta veio tarde. Várias pedras foram lançadas em nossa direção. Francesco se abaixou, mas uma atingiu seu ombro esquerdo, rasgando-o como lâminas afiadas dada pela sua velocidade. Eu consegui escapar com apenas cortes superficiais no rosto, mas... O som pesado atrás de nós ecoou ao impacto no chão.

— *Mamma... Mamma!* — O grito sobressaiu entre meus lábios rompendo minha garganta ao lado de Francesco.

Ela estava morta. As pedras atravessaram seu corpo como projéteis, mas com um o dobro do tamanho, deixando buracos grotescos. Um cravado no centro da testa, três no tronco e vários cortes nos braços e pernas. O sangue se espalhava rápido, formando uma poça em torno dela. Voltei a olhar para Alessandro e as crianças, que corriam em pânico tentando achar uma saída.

— Pare... Por favor! Eu... — Não consigo terminar... As lágrimas me engoliram.

— Acha que vai parar um deus com súplicas? — Ares zombou.

— Eles não têm nada a ver com isso! — Gritei entre soluços. — Para que esse massacre, seu maldito?!

— Na guerra não existe certo ou errado, apenas o momento da batalha. Sacrifícios sempre vêm cedo ou tarde. Se estão morrendo, é por sua causa, mortal. — Finalizou, lançando mais algumas pedras. Elas voaram em direção a Alessandro e às crianças. Aurora conseguiu escapar, mas Pietro e Alessandro foram atingidos em cheio na parte de trás da sua cabeça.

— Uma escapou... esperta. — Murmurou Ares, satisfeito.

— Foi... sua culpa? — Seus olhos marejados se encheram com uma mistura de ódio e tristeza. Num instante, ele se lançou contra mim. Meu corpo fraco não resistiu o impulso agressivo de meu irmão. Fui ao chão, esmagado pelo peso dele. Suas mãos trêmulas, frias e desesperadas, agarraram meu pescoço, apertando com força. A dor queimava, enquanto o ar me faltava.

— Fran... cesco...

— Sempre foi você! Você destruiu nossa *famiglia*! *Papà, mamma*... todos morreram por sua culpa, seu...!

— *Fra... tello...?! —* Minhas mãos tentam afastá-lo, mas a fúria era maior que minha vontade de viver naquele momento.

— *Vaffanculo!* — Gritou, cerrando os dentes.

— *Fermare*, Francesco! — O grito de Aurora cortou o ar, interrompendo Francesco. — Não é culpa do Marco! Ele é nosso irmão! Você não é um monstro assassino...! Larga meu Fratello, ou eu nunca mais vou te perdoar!

— Aurora? — Francesco me soltou de repente, percebendo sua precipitação. O olhar dele oscilava entre desespero e medo, as mãos ainda trêmulas. — Eu... Eu...

A lâmina atravessou sua cabeça com facilidade, rasgando o crânio até a boca. O sangue jorrou em meu rosto antes que eu pudesse entender o que acontecia. Foi rápido. Brutal. Confuso. O corpo de Francesco foi erguido pela espada e arremessado ao meu lado sem esforço algum.

— Que melódico... — Murmurou Ares, indiferente.

— FRAN... FRANCESCO! — O grito histérico de Aurora ecoa engasgado e abafado pelo choro.

— Só mortais para transformar algo tão banal em espetáculo... O amor e o desejo têm sua beleza, admito. Mas esse apego fraternal? Que perda de tempo. — Ele sorriu com desprezo. — E, no fim, tudo é culpa sua.

Fico paralisado, não consigo me mover. O corpo não respondia. Só conseguia sentir o sangue quente de Francesco em minhas mãos. Ele tinha razão... era minha culpa. Se eu fosse mais forte, se tivesse aceitado antes... talvez eles ainda estivessem vivos...

— SEU *MOSTRO!* — Gritou Aurora com ódio me rasgou por dentro, arrancando-me daquele torpor. Levantei o rosto por impulso, vendo-a diante de Ares que se aproxima. Seus olhos queimavam de ódio e mesmo com medo ela não recuava.

— *CORRI, SORE!* — Tentei gritar, mas minha voz falhou.

— Monstro? Não teve educação, garotinha? Está diante a um deus. — Ares arqueou uma sobrancelha, caminhando lentamente até ficar frente a frente.

— Você matou minha *famiglia!* Você é um *mostro brutto!* Meu *fratello maggiore* não tem culpa... A culpa é sua *scemo!* — Xingou Aurora cuspiendo palavras com fúria.

A diferença entre eles era colossal tanto pelo tamanho como também pela força. Um deus imponente, cruel contra uma menina de 12 anos, frágil e inocente. Mas ali, frente a frente, nenhum dos dois recuava. A frieza e sinceridade no olhar dela gela o meu sangue. Nunca tinha visto algo assim em minha irmã. Meu corpo, ainda que fraco, começou a se mover sozinho, arrastando-se, buscando qualquer forma de alcançá-la.

— Esse seu olhar está começando a me irritar pirralha...

— Lembra a tia Atena? — Murmurou Aurora em um leve sussurro quase inaudível. Não consigo compreender suas palavras, mas para aquele deus brutal foi totalmente o contrário. A fúria tomou-lhe o rosto, e sua mão gigante agarrou o pescoço frágil dela, erguendo-a até a altura de seus olhos.

— LARGA ELA AGORA!

Ares se virou, revelando a mão grossa que prendia o pescoço de minha irmã. Ao ser erguida, Aurora não se debatia. Seus olhos estavam firmes, suas mãos apoiadas no braço de Ares e seus lábios murmuravam algo baixo, repetido como uma recitação, mas de uma maneira que eu não conseguia compreender. Por um instante, a sensação estranha me percorreu como se não fosse minha irmã ali, mas outra mulher. Ainda assim, não me preendi a isso, apenas ao estado em que ela se encontrava.

— E você vai fazer o quê para me impedir? — Ele apertou o pescoço dela com mais força, arrancando um grunhido de dor e interrompendo sua recitação.

Esse som abafado foi o estopim. Meu corpo se moveu sozinho. Uma energia desconhecida percorreu minhas veias como fogo ardente que eu não conseguia explicar. Não havia mais dor. Não havia mais medo. Só restava uma certeza. Eu precisava acertar aquele *Farabutto*.

Num piscar de olhos, o chão sumiu sob meus pés. Quando percebi, já estava diante do deus da guerra, avançando com uma velocidade feroz e cortante. Meu punho direito queimava como se estivesse em chamas, pronto para descarregar toda a minha força. Ares arregalou os olhos, pego de surpresa. Não teve tempo de erguer a mão, nem de pensar em contra-ataque. A velocidade e o pensamento de incompetência que acreditava em mim fizeram Ares paralisar apenas para receber o ataque. O golpe o atingiu em cheio. O punho conhecido como “Straigh light.” atingiu seu rosto como um estrondo seco do impacto que fez o ar ao redor estremecer. A força do soco inclinou seu maxilar, e por um instante vi chamas douradas explodirem ao redor do meu punho. O deus da guerra não cambaleou, mas o mundo pareceu silenciar.

O elmo brutal se despedaçou no impacto, revelando seu verdadeiro rosto. Pele pálida coberto por uma barba densa e negra, cabelos curtos lisos como lâminas que cortam a cada olhar. Porém o que chama mais a atenção são as cicatrizes espalhadas por seu rosto. Marcas de batalhas, dores e sobrevivência. Meu pai sempre dizia que não devíamos ter vergonha das cicatrizes. Elas são lembretes do quanto lutamos para conquistar algo que queremos. Ou seja, uma prova de aprendizado. E mesmo naquele instante, tomado pela fúria, lembrei disso. A lembrança me atravessou como um fio tênue de humanidade no meio da guerra.

— VOCÊS...! — Rugiu Ares, com o rosto marcado pelo meu golpe.

Meu corpo está paralisado. Aquela força avassaladora, a ardência que percorria meu corpo, rapidamente se desfez, deixando-me imóvel. Lentamente, como uma fera rompendo suas correntes, Ares começou a girar o rosto de volta, centímetro por centímetro, até que seus olhos se fixaram em mim. Um olhar frio, implacável e ameaçador como um tigre prestes a destroçar sua presa. Meu punho ainda estava lá, cravado contra sua face, mas não houve tempo de compreender nada. Apenas senti a dor brutal de seu soco esmagando o meu rosto. O impacto me lançou para trás, mas antes que meu corpo tocasse o chão, a gola da minha camisa foi agarrada com violência, erguendo-me à altura de seu rosto.

— COMO OUSA DAR UM SOCO NO ROSTO DE UM DEUS, SEU PIRRALHO?! - O soco bruto e seco me atingiu novamente, me jogando contra o chão, apenas para me puxar de volta com ainda mais ódio. — ACHA MESMO QUE ESSA SUA FORÇA INÚTIL ME AFETARIA? VOCÊ CONTINUA SENDO FRACO! UM GRÃO DE PÓ AOS NOSSOS PÉS. E AINDA TENTANDO SALVAR ALGUÉM QUE JÁ ESTÁ MORTO? NÃO ME FAÇA RIR!

Meu rosto lateja. Cada nervo em chamas pela dor intensa. E mesmo assim... Eu estou aqui, ouvindo suas reclamações, respirando. Talvez fosse insanidade, mas uma risada baixa escapou de mim, seguida de um sorriso largo.

— QUAL É A GRAÇA, MORTAL IMUNDO?! SUAS ÚLTIMAS PALAVRAS VÃO SER ESSA RISADA PATÉTICA?!

Cuspo o sangue que se acumulava na boca, junto de dentes quebrados.

— Esse mortal... fraco, inútil... Esse “pó” debaixo dos seus pés... — Forcei a voz rouca, olhando-o nos olhos. — Acabou de deixar uma cicatriz no seu rosto.

— O QUÊ?! — Ares, surpreso, leva a mão livre rapidamente ao próprio rosto. Seus dedos deslizaram pela bochecha e se mancharam de vermelho. Sangue. O sangue de um deus. — Aquele soco...

— Você disse... que eu não conseguiria fazer nem um arranhão... — Cuspi mais uma vez, um fio escarlate escorrendo pelo canto da boca. — Mas o seu rosto diz o contrário.

— HÁ, HÁ, HÁ! — As gargalhadas de Ares ecoavam, ensurdecedoras, como lâminas cortando meus ouvidos. Cada riso dele dissolvia dúvidas e esmagava qualquer indiferença em meu rosto... até que tudo foi interrompido pelo baque seco de meu corpo jogado ao chão como lixo. — Você é realmente forte. — Disse, aproximando-se com passos firmes. — Mais um motivo de eu ter escolhido você, mortal. Mesmo com sua família morta diante de seus olhos, ainda tentou, no último instante, proteger sua irmãzinha. Foi ela, mesmo morta, que te deu o impulso para me atacar. E mesmo sem a ajuda daquela hipócrita da Atena, você conseguiu me ferir. Poucos mortais ousaram me desafiar e ainda menos conseguiram me atingir dessa forma...

— Morta...? Ahhh! — Meu grito foi sufocado quando a perna robusta de Ares se cravou contra meu ventre, pressionando lentamente, esmagando-me e impedindo qualquer movimento.

— ... Diomedes teve o privilégio de me perfurar justamente nessa região. E só conseguiu porque foi protegido pela vadia de Atena. Mas você... — Ares inclinou-se, aproximando o rosto manchado de sangue do meu. — Você é outra história.

— O quê...? — O peso em meu abdômen aumentou. Eu sentia que a cada segundo ele testava meus limites.

— Você venceu, garoto. — Sua voz soou como um trovão, mas com um tom novo de solenidade. — Eu te darei meu poder como recompensa pela sua bravura. E dou minha palavra de proteção a todos os mortais do seu sangue. Reconheço

que, mesmo vencendo a guerra, perdi uma grandiosa batalha. Marcos Lívio, obrigado por essa diversão.

Seus olhos cravaram-se nos meus. Não havia mais fúria, nem desprezo. Apenas respeito, confiança... com um toque de curiosidade. O mesmo olhar que meu pai emanava sempre que me treinava.

— Ei, quem está aí? — Uma voz desconhecida ecoou, acompanhada do som estridente de sirenes que cortavam a noite em volta do Coliseu. Virei o rosto em busca da origem, mas quando retornei... Ares havia desaparecido. Como se nunca tivesse estado ali. Nenhum resquício dele. Nenhuma arma.

— *Mio Dio! Chiama l'ambulanza!* — As lanternas dos guardas iluminaram o terror dos corpos espalhados pelo chão, até recaírem sobre mim.

— *Ragazzo, stai bene?*

— *Mia sorella. Aiuta mia sorella per favore.* — Implorei com a voz rouca. Fui imediatamente colocado na maca, e já sentia meus sentidos se apagando. No movimento de erguer a cabeça, ainda vislumbrei Aurora caída ao chão, cercada por paramédicos. Quando acenaram em silêncio, sem palavras... eu já sabia. Ela... ela...

— *No, ti prego, non può essere. Non può essere vero. La mia famiglia...! Farabutto...! Miserabile!* — A voz se despedaçava no ar, rouca, implorante e quebrada.

Cambaleei em direção à ambulância, os olhos presos nas silhuetas imóveis de quem amava. Tentei me soltar das mãos que me seguravam, o peito arfando em desespero. Onde um pensamento latejou, cruel e insistente: “Por que ele não me matou? Por que não me levou junto? Por que...”

O corpo começou a estremecer. Primeiro nos dedos, depois nos braços, como se minha pele fosse pequena demais para conter o que fervia por dentro. As pernas fraquejaram. O ar se tornou um peso impossível de respirar. Um soluço seco rasgou a garganta antes que todo o corpo se dobrasse, convulsionando-se.

— Marco!? Marco!? Marco!?

Abri os olhos de repente, em puro desespero. Olhei ao redor, atordoado... e lá estava ele. Alessandro. Por um instante, sua cabeça parecia encharcada de sangue, o rosto pálido em contraste com os olhos verdes. Um vislumbre horrível que me fez sufocar ainda mais.

— Marco!? Você está bem? Está pálido e suando que nem porco! — Pisquei outra vez e... ele estava normal. Minhas mãos geladas e trêmulas se lançaram sobre ele, procurando febrilmente por cortes, arranhões, qualquer sinal de dor.

— *Fratello...*? — Pergunto. Minha voz saiu quebrada, as lágrimas vazadas sem controle.

Eu me envolvi em desespero num abraço forte, repentino que o pegou de surpresa, que retribuí calmamente.

— *Calmati*, Marco. Eu estou bem. Só foi um pesadelo...

— *Figliolo*? O que aconteceu? — Perguntou papà, chegando desesperado.

— *Non era niente*... Foi só sonho ruim.

— Sonho? Olha seu estado *figliolo*... O que realmente aconteceu?

— Eu... — Hesitei, engolindo em seco. As imagens ainda queimavam na minha mente e eu só queria enterrá-las. — Eu já disse, *non era niente, punto*.

— *Papà, non insiste*. — Alessandro interveio com firmeza, percebendo meu desconforto. — Se *mio fratello* disse, então temos que confiar, certo? Tenho certeza, de que deve ser o cansaço e a ansiedade do torneio, certo, Marco?

— Certeza?

— *Sì papà*. — Assenti. Ele suspirou, relutante.

— *Mi dispiace, ma ti stanno chiamando*. — Um dos alunos interrompeu.

— Vai tranquilo, *papà*. Eu levo Marco para casa. Pode ir. Amanhã a gente tira o dia de folga, os dois. — O sorriso convincente de Alessandro acalmou *papà*, que voltou à academia. Mas eu... eu não conseguia me livrar daquela sensação de que o sonho era mais do que um sonho.

O caminho para casa foi engolido por um silêncio denso. Alessandro respeitou o meu espaço, apenas me observando de relance. Em casa, não consegui comer nem cumprimentar a *famiglia*. Tranquei-me no quarto, preso a um peso que não conseguia explicar.

Toc, Toc.

Um som da batida foi ressoado entre o ambiente. Olhei para a porta e lá estava Aurora com um olhar de preocupação:

— *Fratello*? Posso entrar?

— *Ciao, principessa...*! Hoje não to muito bem... — Forcei um sorriso, mas não consigo evitar de olhar o seu pescoço, onde meus olhos traíram a mente novamente. Por um instante, vi a marca do sufocamento em seu pescoço. Pisquei e novamente sumiu.

— Você está triste?

— Um pouco...

— O *fratello* Alessandro disse... então eu fiz isso pra você. — Ela correu até a cama, abrindo nas mãos um desenho colorido.

— Um *progetto*? Deixa-me ver.

Era simples, traços de criança, mas cheio de cores vivas. Aurora apontou animada:

— Esse é você, e essa sou eu. Você me salvando de um *mostro orribile*.

— Um mostro orri... — Engasguei nas palavras, reparando como os rabiscos lembravam demais certas imagens do sonho.

— Tá amassado porque fiz faz tempo e esqueci na escola. — Ela riu sem jeito.

— Essa coisa na minha mão? O que é?

— É fogo! Você pulou e deu um soco que derrotou o mostro, igualzinho no jogo.

— Ahh... — Soltei o ar em alívio. É apenas uma coincidência. Só isso. — O *shoryuken* de fogo... Você está muito viciada nesses jogos de luta, hein?

— Um pouquinho, hi hi. — Ela gargalhou quando fiz cócegas em sua barriga.

— Eu amei o *progetto*. Obrigado, *principessa*.

— Está feliz?

— Depois desse *disegno*, acho que vou morrer de fofura. Ahh, meu coração vai parar... bleh! — Faça uma careta fingindo desmaiar.

Aurora explodiu de gargalhada, enquanto eu ainda fingia estar desacordado. Suas mãozinhas apertavam a minha bochecha como se pudesse me trazer de volta.

— Fratello? — chamou baixinho, a voz trêmula. Não resisti mais. Abri os olhos de repente e a puxei para mim.

— Te peguei! — envolvi-a num abraço apertado, fazendo-lhe mais cócegas. Suas risadas eram como um sopro de vida dentro de mim.

— Pelo jeito nossa *principessa* conseguiu lançar o seu feitiço de cura no nosso *fratello* tristonho. — Disse Alessandro, aparecendo no batente da porta com um sorriso maroto.

— Imaginei que foi você que mandou essa pequena aqui... Vocês me encurralaram.

— E deu certo! Hi hi. — Aurora respondeu dando risadas travessas.

— Bem, já está na hora de alguém dormir, então dá beijo no seu *fratello* e corre pra cama.

— Marco, amanhã você me busca na escola? — Aurora se aproximou e me deu um selinho um pouco gelado em minha bochecha.

— Com toda certeza, afinal estou de folga... infelizmente.

— Ebaaaa! — Disse animada, correndo até a porta, mas parou antes de sair. Virou-se com um sorriso luminoso. — Fratello, *vivere la vita*.

As palavras bateram fundo no meu coração. “Vivere la vita”... viver a vida. Um bordão que ela inventou meses atrás, como se fosse o próprio mantra de sua infância sem medo. E justamente aquilo era o que eu precisava ouvir.

— Esse bordão dela... Eu ainda não entendo de onde vem tanta energia. — Mumurou Alessandro.

— Nem eu... Ela é única.

— Então... — Fechou a porta e se aproximou. — Agora me conta: o que foi aquilo tudo?

— Você não vai sair daqui se eu não contar, não é?

— O que você acha? — Fez uma careta provocadora.

— Bem... Eu... — hesitei, mas suspirei fundo e acabei narrando tudo, detalhe por detalhe. Alessandro sempre foi o único com quem eu conseguia abrir o coração sem reservas.

— Nossa... que loucura. Cara, sua imaginação é muito fértil, pra chegar a esse ponto. — Ele coçou a nuca, espantado.

— Alessandro! — Reclamei.

— To brincando! — riu, mas logo ficou sério ainda com um sorriso. — Olha, foi só um sonho. Não aconteceu. Estamos todos aqui, vivos. Além disso...

— O quê?

— Ares te deu a palavra de que não nos mataria de novo. Não precisa carregar isso. Você conseguiu o impensável: atingiu o deus da guerra. — Deitou-se ao meu lado na cama, relaxado. A luz do abajur refletia suave em nossos rostos.

— Você fala assim, porque não estava lá vendo tudo como eu vi...

— Claro que vi. Mas eu morri com a pedrada na cabeça, lembra? — abriu um sorriso zombeteiro. Revirei os olhos, com um fio de raiva pela brincadeira, mas ele

se levantou e se alongou preguiçosamente. — Marco, foi só um sonho. Pesado, eu sei. Ver toda a *famiglia* morrer é um pesadelo que eu também não suportaria... mas não foi real. Agora, a única coisa em que deve pensar é o torneio. Você é o garoto mais forte que conheço. Depois de saber que socou aquele *stronzo* no rosto, eu fiquei até mais tranquilo.

— Mas e se não for só um sonho? E se tudo aquilo for real?

— O que importa se aconteceu ou o que vai acontecer? O que importa é o que acontece partir de agora. Devemos fazer como a Aurora: viver o presente. Nada muda o fato de você ser um Lívio. E o meu *fratello fastidioso*. — Bagunçou meu cabelo com um sorriso de canto antes de sair. — Você pode ser o herói de todos quem sabe, mas foque no presente. Enfim, *buona notte, Marco!*

— *Buona notte*. — Respondi, ficando sozinho com meus pensamentos.

Mesmo exausto, o sono não vinha fácil. Meus pensamentos rodavam sem parar, imagens do sonho e do que vivi se misturando, corroendo a minha paz. Virei de um lado para o outro, buscando uma posição que acalmasse meu coração acelerado. Eventualmente, vencido pelo cansaço, acabei adormecendo. Desta vez não houve supostas visões, mortes, nem lembranças perturbadoras. Apenas um sono longo, vazio..., mas inquieto

O Quando os primeiros raios de sol atravessaram a janela, senti meu corpo diferente. Não era apenas o peso do descanso, mas algo além. Mais leve, mas ao mesmo tempo carregado de energia. Levantei-me rápido demais e, ao tentar abrir a porta, ouvi um estalo seco. A maçaneta estava em minha mão. Partida.

— *CHE COSA?! ASPETTA, COME...?!*

— *Buongiorno*, Marco. — A voz sonolenta de Francesco me fez estremecer. Ele ajustava os óculos, ainda meio perdido no corredor.

— Ahhh... é... — Rapidamente escondi a maçaneta atrás de mim com um gesto nervoso. — *Buo... Buongiorno* Francesco.

— O que houve? Por que está gaguejando? — Perguntou desconfiado. Seu olhar estreitou de leve.

— Nada... acabei de acordar... ainda estou meio sonado.

— Entendi... — Ele bocejou, aceitando a desculpa. — Eu vou tomar um banho para me acordar.

— Vai sair?

— Por culpa sua vou ficar na academia com o *papà*. — Murmurou, emburrado.

— Achei que nosso *papà* ficaria descansando..., mas é bom, vocês passam mais tempo juntos.

— Tem razão... — Por um leve momento Francesco desviou o olhar, vermelho por um instante. — Mas... Isso não significa que eu esteja feliz com isso! Mudei todos os meus planos por causa da sua folga!

— Está bem não está mais aqui quem falou. — Soltei uma risada breve, apenas para disfarçar o nó na garganta. Ele sumiu para dentro do banheiro, e eu respirei fundo, tentando não tremer. Quando fiquei sozinho, encostei a maçaneta quebrada atrás da porta. Meu peito subia e descia rápido demais. “Não pode ser... Será que já estava solta?” Precisava ter certeza. Peguei meu velho estilingue sobre a mesa. Segurei com cuidado, mas bastou um aperto leve... e o objeto se despedaçou na minha mão, em estilhaços de madeira. Meus olhos se arregalaram, o estômago revirou.

— *Non è possibile...* — Sussurrei, quase sem voz. — Então... aquilo tudo não foi apenas um sonho. Eu... recebi os poderes de Ares.

Minhas mãos tremiam, o suor frio escorria pela minha testa. Essa força não era humana. Era como carregar algo que poderia destruir tudo com um simples toque.

— Marco?! — A voz d da *mamma* ecoou pelo corredor, interrompendo meu pânico.

— J... Já vou, *mamma!* — Respondi, tentando soar normal. Tenho que controlar isso. Encostei as mãos no próprio peito, respirando fundo. Eu precisava me controlar. Precisava me afastar. Se não tiver cuidado, um simples abraço poderia machucar alguém que eu amava.

Desço as escadas lentamente e sou surpreendido com o abraço de Aurora. O calor dela me aperta por um instante, mas meu corpo trava. Não consigo retribuir. Fico imóvel, tentando disfarçar, enquanto um frio percorre minha espinha. Aurora me olha de canto, confusa com a minha falta de resposta, e Alessandro, sentado à mesa, também percebe..., mas ambos escolhem ignorar, como se nada tivesse acontecido.

— *Fratello!* — Gritou Pietro animado, quebrando o clima.

— Eh... *buongiorno...* — Murmuro, sentando-me à mesa, tentando recuperar a naturalidade. Pego um copo d'água para disfarçar o nervosismo, mas ao segurá-lo com mais firmeza do que deveria...

CRASH!

O vidro se espatifa em minha mão. E pedaços dele caem pela mesa, brilhando sob a luz da manhã. Por um milagre, não sofri nenhum corte. Minhas mãos estavam intactas, mas meu coração batia tão forte que parecia que todos podiam ouvir.

— Marco? — *Mamma* arregalou os olhos, procurando algum corte em minha mão.

— Só... só estava trincado... Eu estou bem. — Improviso rapidamente, recolhendo os cacos sem encará-los.

Alessandro apenas me observa por um instante, o sorriso ainda no rosto, mas os olhos mais atentos. Ele não questiona, apenas continua como se fosse um acidente qualquer.

— Cadê o *papà*? — Pergunto, ansioso por mudar de assunto.

— Ele foi mais cedo na academia. Aurora e Pietro, se apressem para ir à escola. Não quero que se atrasem. — Respondeu Alessandro com serenidade.

— *Sì signore!* — Gritaram Pietro e Aurora em coro, cheios de entusiasmo.

— Marco, você vai levar a gente também? — Perguntou Pietro curioso.

— Na verdade, eu...

— Pietro, hoje é o dia do Marco descansar e dar umas treinadas, não é, *mio figlio*? — A voz da *mamma* veio logo atrás, arrumando o estrago da mesa.

— *Sì, mamma.* — Respondeu Pietro, conformado.

Todos estavam dando espaço. E o motivo? Amanhã era o grande dia da *famiglia*. O torneio de boxe. Todos priorizavam esse momento como sagrado, quase como um ritual. Para eles, o descanso era tão importante quanto a luta. Como em uma prova de vestibular que no último dia devemos priorizar o descanso e fazer atividades relaxantes. Para os Lívio pe a mesma coisa. No entanto para mim... descanso era impossível.

Enquanto todos seguiam sua rotina diária, fui direto para nossa pequena edícula, nossa sala de treinos. Ali, entre sacos de pancada e pesos, respiro fundo. Esse é o meu refúgio, mas agora, será meu campo de batalha contra mim mesmo.

Peguei os halteres e barras, tentando medir minha força e controla-a. O pensamento se repetia como um mantra em minha mente: "Preciso ser mais fraco. Preciso ser mais fraco..." Eu não treinava para o torneio. Treinava para não perder o controle. Eu sabia que um soco errado poderia... arrancar a cabeça de alguém. Não era exagero. No sonho, Ares segurava sua força. Ele me mostrou minha família sendo destruída..., mas me deixou viver. Um teste. Uma provocação.

CRAC!!!

Um único soco no saco de areia, e ele se partiu em duas metades. A costura arrebentou, a areia se espalhou pelo chão como sangue escorrendo. Arregalei os olhos, sem fôlego. Se eu consigo destruir aquilo com tanta facilidade... imagina com uma pessoa, mas talvez com essa força conseguisse ganhar no torneio. Contudo, preciso esconder da *famiglia*. Se alguém soubesse o que estava dentro de mim, não seria só o torneio que eu perderia. Eu preciso controlar minha força, não a ponto de rasgar o saco, mas sim, deixar a pessoa imóvel em um único golpe.

Graças aos sacos extras consegui treinar o dia inteiro tentando minimizar minha força. Calma, precisão, controle... era tudo o que eu precisava. Mas cada tentativa terminava em fracasso.

— Marco, *figlio* está tudo bem? — A voz suave da *mamma* veio acompanhada de batidas leves na porta.

— *Aspetta, mamma!* — Saio correndo até a porta, impedindo que ela visse o estrago. — *Salve, mamma.*

— Marco você está bem? — Seus olhos me sondavam com ternura e preocupação.

— Claro, por que não estaria *mamma*? — Ela suspirou fundo, e então seu olhar se tornou mais firme.

— *Figlio*, você saiu do meu ventre. Eu sei quando as coisas estão erradas. Sei que está ansioso pelo torneio... e dá para ouvir um pouco aqui fora.

— *Mamma*... — Respiro fundo. Olhei para meus punhos marcados, tentando esconder o tremor. — Eu não sei se devo participar esse ano. Eu acho que... não estou pronto...

— Olha... eu sempre fui contra o boxe. Para mim, eu ficaria feliz se desistisse. Afinal, não é vergonha não querer lutar. Vergonha seria desistir sem tentar. — Ela parou um instante, e um sorriso nostálgico surgiu. — Sabe o que o seu avô sempre dizia? “Os desafios são oportunidades disfarçadas e, quando enfrentados, o sucesso é engrandecedor.” Essa frase do meu falecido pai virou um alicerce da *famiglia* Lívio.

— Nunca desistir não é...? — Murmurei.

— Não estou dizendo que quero você lá. Eu não suportaria ver você apanhando. Mas, *figlio*, você treinou tanto... e mesmo que não acredite, eu sei que é forte o bastante para vencer. Acredite em si mesmo e pense bem na sua escolha. Seja qual for, estarei ao seu lado.

— *Grazie, mamma.* — Um abraço me envolveu de repente, e pela primeira vez eu retribuí sem medo.

— *Bene*, se abraçar assim vai acabar me matando. — disse ela gargalhando. Meu coração gelou por um instante, mas percebi que era apenas uma brincadeira. Ela não fazia ideia do que eu realmente podia fazer. — Está quase na hora de buscar as crianças. A Aurora disse que você prometeu buscar ela.

— Eu não prometi..., mas vou arrumar as coisas e já vou.

— *Molto bene.* E não esqueça de falar com seu pai sobre sua decisão. — Um beijo quente e suave em minha testa foi a despedida da minha *mamma*.

Depois que a *mamma* saiu, permaneci alguns instantes parado, ainda sentindo o calor do beijo em minha testa. O eco de suas palavras me acompanhava, como se sua voz tivesse se infiltrado dentro de mim. Então decidi: depois de buscar as crianças, eu vou falar com meu *papà*.

O tempo passou-se rápido. Busquei Aurora e Pietro, que estavam animados como sempre. Empolgados para amanhã e claro que um incomodo surgiu trazendo culpa em meu rosto. Até o encontro de meu pai que me abraçou pelo ombro animado:

— *Ehi figliolo! Sei pronto per amanhã?*

— Então *papà*...

— Estou criando grandes expectativas para você. E estou orgulhoso. Venha vou te mostrar uma coisa. — Disse ele me levando até o escritório e pegou uma caixa um pouco empoeirada.

— O que foi?

— Essa é minha caixa de memórias. Toda a vida dos Lívio ao lado do boxe começou aqui. Seus irmãos sempre evitaram a luta e não fico bravo com isso e sim, amo cada um e sinto orgulho deles, mas quando suas primeiras palavras foram “*punch*” me senti tão orgulhoso, percebendo que você tem um futuro brilhando no boxe. — Ele começa a tirar fotos, recortes de jornais, medalhas. Relíquias guardadas com carinho.

— *Papà*, mas e se... — Engoli seco, minhas mãos tremeram sobre o joelho. — ... eu não estiver pronto. Talvez eu não esteja preparado pra isso.

Houve um silêncio, como se estivesse me dando tempo de refletir sobre cada palavra. Só então falou:

— Você acha que alguém sempre está pronto para lutar? Não, *figlio*. Nunca estamos. A luta não é sobre estar pronto. É sobre decidir se você vai se levantar mesmo quando o medo tentar te prender.

Minha respiração se descompassou. Ele caminhou até mim e colocou a mão pesada em meu ombro.

— Não quero um campeão no ringue. Quero um homem que honre o nome Lívio. Você pode perder, pode cair, mas não pode fugir de quem você é. O mesmo *ragazzo* que se animava nos treinos e fazia por diversão. É isso que quero.

— Mas e se... — Engulo seco, quase deixando escapar a verdade sobre minha força. — E se eu exagerar ou não ter a força suficiente para isso?

Ele arqueou uma sobrancelha, como se aquela pergunta tivesse outro peso para ele.

— Então aprenda a medir seus golpes. Controle não se conquista fugindo, Marco. Se conquista enfrentando. Como eu te ensinei. Olhe fixo para o seu oponente e observa a força que ele transmite e quando perceber que tipo de oponente é, não se segura apenas ataque.

Aquelas palavras bateram fundo em mim, mais fortes do que qualquer soco. Abriu um sorriso batendo tranquilamente entre meus ombros.

— Amanhã, quando subir no ringue, não lute contra seu adversário. Lute contra você mesmo. Essa será sua verdadeira vitória.

Meu peito apertou, mas um nó de determinação começou a se formar. Eu não podia mais voltar atrás.

— *Sì papà*. — Respondi com convicção. O que eu estava pensando? Só porque um deus apareceu em minha vida, não quer dizer que devo abaixar a cabeça. Eu ainda sou um Lívio e preciso resolver as coisas daqui primeiro e depois vejo para salvar um mundo. Eu vou orgulhar o nome da nossa *famiglia* e vou vencer o torneio.

Aquele medo, a ansiedade pelo controle da minha força, se dissolveu por um momento. As palavras do meu *papà*, o conforto da minha *famiglia*, tinham tirado o peso das minhas costas. A monstruosa energia dentro de mim silenciou, e o sono me envolveu mais rápido do que eu esperava.

— Está feliz garoto? — Me viro instantaneamente para trás. E lá está Ares, mas diferente. Sem armadura, nem exalava aquela presença sufocante de fúria. Apenas roupas comuns, casuais, e não chegava nem perto daquele mesmo deus que me havia esmagado com sua violência brusca.

— Você de novo? O que você...

— Relaxa rapaz, não vim aqui para lutar. Eu já perdi a batalha, lembra? — Apontou para a cicatriz no rosto, lembrança da nossa luta.

— Então o que você quer?

— Eu? Só vim parabenizar você. Vejo que conseguiu medir sua nova força. Conseguiu controlá-la.

— Eu já disse que não quero essa sua força.

— Não tem mais volta, Marco. — Ares balançou a cabeça, firme. — Eu não tenho tempo para ficar procurando outro mortal. Você já provou ser digno. Já está decidido.

— Então, se é só isso. Pode ir embora do meu quarto. — Ares sorriu de canto, algo que começou a me incomodar.

— Não, não é só isso... Olhe pela janela. — Me aproximei com desconfiança. A lua brilhava sobre a paisagem, mas de repente a cena se distorceu, como uma televisão mudando de canal. Vi uma garota. Cabelos loiros ondulados, olhos azuis intensos, parecia ter a minha idade. Usava um vestido que nunca vi por aqui. A saia era rodada, quase até o joelho com bordados delicados nas barras. Sobre ele acompanhava um avental preso à cintura, e uma blusa, branca, de mangas bufantes. Parecia algo meio europeu, algo saída de outro tempo, talvez?

— Quem é essa? — Perguntei curioso. Meus olhos vidrados na garota sem conseguir desviar o olhar.

— A escolhida de Atena — Ares disse com frieza. — E uma ameaça para a humanidade.

— Escolhida de Atena?

— Sim, ela está em busca de reunir outros escolhidos, e ninguém sabe ao certo seus planos. Mas se é protegida dela, não pode significar coisa boa. Vá atrás dela. Elimine-a.

— Mas... Ela não parece... — Meu peito se apertou. A garota não parecia... perigosa.

— Não se engane. Atena é a deusa da sabedoria e estratégia em batalha, Marco. Tolo, ainda acha que apenas eu tenho sangue de inocentes nas mãos? Ela usa a melhor estratégia para manipular o seu adversário e isso é o que eu mais odeio nela. Uma pessoa que manda, como se fosse a mais poderosa, escondendo suas verdadeiras intenções. Ela manipula, controla, sempre com sangue frio e superioridade. — Os punhos de Ares cerraram, a raiva dele emanando como uma onda antes, de repente, se conter. — Não sou só eu. Outros deuses também sabem que precisamos detê-la.

— E o que isso tem a ver comigo?

— Você já carrega meu poder. E ele vai cobrar seu preço seja por bem ou por mal. — Seu olhar se estreitou. — Sente isso, não é?

— Como assim? — Meu corpo começou a arder, como se queimaduras se espalhassem sob a pele. — O que... é isso?

— Ele anseia por luta, por sangue, por teste. Você o reprimiu, mas não poderá fazê-lo para sempre. Mais cedo ou mais tarde, ele vai exigir de você. E seu corpo não vai suportar se continuar tentando conter. — A dor se intensificava, mas respirei fundo, resistindo. Ares sorriu de forma quase orgulhosa. — Combina com você, Marco.

— Combina comigo?

— Já vi a chama nos seus olhos quando luta. Cada vez que insiste, mesmo ferido, você se anima. E é isso que meu poder deseja em você. Essa dor que sente agora é só reflexo da sua hesitação pra não machucar sua família que tanto ama.

Engulo seco suas palavras, encarando-o.

— Para os escolhidos dos deuses, não vai precisar dessa hesitação. Use sua força. Em suas mãos está a força, a resistência e a fúria do deus da guerra. Nada, nem ninguém pode te parar a não ser você mesmo. Estou te dando o prazer da luta com uma força que jamais imaginaria. Só precisa destruir a Atena e todos que estão com ela.

— Então por que não me obriga, como fez antes? É outro teste? — Ele inclinou o rosto, divertido com a situação.

— Eu sei que vai acabar cumprindo. Afinal, seu maior medo é perder sua família, não é? — Meu punho voou instintivamente contra ele, mas Ares o deteve com facilidade, como se fosse nada.

— Está bem... — Suspirei, recuando. — Eu vou. Mas não por você. Vou depois do torneio.

— E conseguirá se conter no meio das lutas?

— Eu não preciso da sua força para vencer. Vou medi-la e controlá-la para ganhar.

Um sorriso satisfeito sobressaiu no rosto de Ares, quase excitado com a promessa.

— Então veremos até quando resiste, Marco Lívio. — Seus olhos brilharam, e sua voz ecoou em desafio. — Como dizem no seu país: *Buona fortuna!*



— Marco? Você está bem?

Marco abre rapidamente seus olhos num sobressalto, sentindo o toque firme e preocupado da mão de Sophia. O suor frio escorria pelo rosto pálido, denunciando como suas memórias e preocupações o consumiam.

— O... O que foi *ragazza*? — Tentou disfarçar, recompondo-se.

— Suas mãos. — Murmurou Sophia discretamente.

Marco seguiu seu olhar e percebeu suas mãos firmes no braço do assento que acidentalmente estava amassado pela força com que o segurava. Ele soltou rápido, nervoso e aflito.

— Merda... — Sussurrou. Olhou em volta. Alguns passageiros haviam notado, mas desviaram os olhos logo em seguida. Apenas os escolhidos continuaram atentos.

— Marco? — Insistiu Sophia.

— O que estão olhando? — Rosnou, irritado. — Não tem mais nada para fazer não? Eu... — Sophia estendeu a mão para ajudá-lo, mas ele a afastou com um gesto brusco com a costa de sua mão. — Eu não preciso da sua ajuda.

Levantou-se e seguiu apressado para o banheiro, deixando-a. Ela suspirou, voltando ao assento.

— Esse garoto só vai trazer problemas. — Olho para frente empurrando de leve o assento — Não vai abrir o jogo?

— *What is it, my princess?* Quer ficar ao meu lado? — Brincou Ray, ajeitando-se para olhar por cima do ombro.

— Cala a boca, o garoto está dormindo. — Cortou Nik, dando um tapa no braço de Ray. Ele apontou discretamente para Kai, adormecido ao lado de Sophia.

— Eu só quero saber o que foi aquilo na praia. — Disse ela, em voz baixa. — O estado desse rapaz está me preocupando.

— Acha que o Marco tentaria algo aqui dentro do avião? — Perguntou Ray.

— Acreditam mesmo que aquele garoto, o escolhido pelo Deus da guerra vai explodir e matar todo mundo aqui dentro? Se for isso, estão sendo ridículos. — Disse Nik, confiantes de suas palavras.

— Na verdade,... — Sophia hesitou, encontrando suas palavras. — ... Ele está diferente. Nesse estado, parece uma bomba-relógio. Desde a cena da praia. Não sei se ele vai ajudar muito ou piorar nossa busca.

— Na praia...? — Ray repetiu, a palavra pesando em sua voz.

— Sabe de algo, Ray? — Ela insistiu.

— *Me? É...* — Começou, mas foi interrompido. A voz metálica do capitão ecoou pelo alto-falante.

— Senhoras e senhores, estamos iniciando o procedimento de descida. Pedimos que retornem aos seus assentos, mantenham os cintos de segurança afivelados e coloquem os assentos na posição vertical.

O momento perfeito para Ray se calar e escapar da pergunta. Ele apenas se ajeitou no banco, evitando o olhar de Sophia. Nik sorriu de lado.

— Salvo pelo gongo... Tic-tac, tic-tac.

O ar pesado e úmido do Rio de Janeiro os envolveu assim que as portas automáticas do aeroporto do Rio de Janeiro, mais conhecido como Galeão se abriu. O cheiro salgado do mar, misturado ao calor abafado da cidade, contrasta com a frieza metálica do avião. Eles atravessaram o saguão iluminado, observando o vai e vem apressado de turistas e locais, os anúncios nos alto-falantes ecoando em português e inglês, o som das malas rodando sobre o piso brilhante. Era algo grandioso.

Seguiram até a esteira de bagagens, cada um em silêncio, exausto da longa viagem. O som metálico das malas se misturava ao zumbido constante do aeroporto, até que finalmente recolheram seus pertences e se dirigiram à saída. Do lado de fora, o calor os golpeou como uma onda. O táxi os aguardava, o motorista sorridente já sabendo que eram estrangeiros pelo olhar curioso que lançavam à cidade.

— *Welcome to Brazil!* — Exclamou Ray, animado.

— Quanta gente... e esse cheiro... — murmurou Kai, parando por um instante para sentir a brisa tropical do país misturada ao sal do mar.

— Bom, eu conheço um ótimo hotel perto do nosso destino. — Disse Nik, fazendo um sinal e dividiram-se em dois taxis.

O carro deslizou pela Linha Vermelha e, depois, pela orla que revelava o contraste do Rio: o mar imenso à esquerda, as montanhas verdes à direita. Ao se aproximarem de São Conrado, o Hotel Nacional Rio de Janeiro ergueu-se diante deles como um ícone arquitetônico, com sua fachada envidraçada refletindo o pôr do sol. Logo atrás, a sombra densa da Floresta da Tijuca se desenhava como uma

muralha viva. No quarto, o grupo finalmente respirou em alívio. Jogaram as malas no chão, abriram as janelas para deixar entrar a brisa salgada e ficaram por alguns instantes apenas observando a vista. Ray e Nik se jogaram na cama, rindo da exaustão, Marco e Kai ficaram apreciando a grande vista que preenchia o local e por fim, Sophia preferiu apenas se sentar e fechar os olhos, saboreando o silêncio depois do turbilhão da viagem.

Passadas algumas horas, todos decidiram se reunir em um dos quartos. Sophia foi a primeira a entrar e se deparou com uma cena inusitada: Marco e Kai rindo, jogando travesseiros para o alto:

— O que vocês estão fazendo? — Perguntou Sophia, alarmada.

— Estamos... — Começou Kai.

— Estamos testando a cama e os travesseiros, não está vendo? — Completou Marco, com um sorriso debochado no rosto.

— Quantos anos vocês dois têm mesmo? — Arqueou a sobrancelha.

— Eu tenho 23. — Respondeu Marco, despreocupado.

— E eu fiz 18 há três dias. Mas foi ideia dele. — Disse Kai, apontando para Marco.

— Vou fingir que não vi essa palhaçada e falando nisso... — Suspirou Sophia, colocando duas sacolas sobre a cama. Uma com refrigerantes e outra com uma pequena caixa de bolo. — Alles Gute zum Geburtstag! Traduzindo: Feliz aniversário!

— *Oh damn!* Não precisava. — disse Kai, com os olhos brilhando de alegria e surpresa ao ver o bolo.

— Imagina. Aliás, digamos que esse bolo, também simboliza o começo dos escolhidos.

— Os meninos que tiveram essa ideia, não é? — Perguntou Marco com os braços cruzados, desconfiado

— Por que está presumindo isso?

— Você é a escolhida de Atena. Por que gastaria seu tempo para comprar um bolo para o *ragazzo*? A não ser que fosse por outra razão.

— Não devo satisfações ao deus da guerra. E mesmo que, às vezes, você aparente ser cuidadoso, eu ainda não confio na sua generosidade.

— *Bella lì!* Porque eu também não confio em você, *ragazza*.

A porta se abriu de repente, revelando Ray e Nik carregando pizzas e bebidas, cortando o clima de tensão.

— *My fans, I'm here! É... to interrompendo?* — Perguntou Ray, parado na porta.

— Interrompendo? Eles nem precisam responder, Ray. Enfim, trouxemos pizza e algumas bebidas. — Completou Nik, entrando com naturalidade, ignorando o clima tenso.

Todos se acomodaram, rindo, comendo e bebendo, até que Sophia se levantou, quebrando o clima de festa:

— Certo, já comemoramos. Agora precisamos pensar nos próximos passos.

— *Che palle!* E quem te colocou como líder, huh? *Che prepotente!* — Bufou Marco.

— Você não tem autoridade nenhuma para questionar, Marco. — Retrucou Sophia.

— Como se você tivesse! Só porque é escolhida de Atena acha que é a mais forte? Fique sabendo que me segurei para não matar vocês dois. — Disse Marco, a raiva crescendo em sua voz.

— Típico de um escolhido de Ares. Não sabe lidar com a derrota. Se não quiser ouvir, a porta está bem ali. — Rebateu Sophia, fria, apontando para a porta.

— Está querendo me expulsar?

— Eu? Mas eu não disse nada. Só estou mostrando a saída para quem se incomoda.

— Mas... não precisamos dos 12 deuses do Olimpo? — Perguntou Ray, tomando um gole da cerveja, cortando a tensão.

— Gib Ruhe! — Retrucou Sophia irritada.

— Gente, não vamos estragar a festa do menino. — Nik suspirou, entrando no meio dos dois, apontando para Kai, que só observava em silêncio. — Vamos parar com esse discursão besta. Estamos no mesmo barco. Os mesmos objetivos.

— Vai, senta um pouco. — Disse Kai, abrindo espaço ao lado dele para Marco, finalmente se envolvendo em meio a briga, dando um espaço para Marco se sentar ao seu lado com uma cerveja.

— Sta bene. — Bufou Marco, mas se rendeu, tomando a cerveja da mão de Kai e se sentou. Sophia, no entanto, não desistiu:

— Obrigada, Nik. Mas você também poderia colaborar, abrindo logo o jogo e dizer qual o próximo escolhido.

— Eu? E por que eu deveria responder? Se está tão curiosa, pode procurar por conta própria. — disse Nik, cínico.

— *Hey man*, mais respeito com *my princess*. E...

— Você é o único que sabe sobre os escolhidos, não é? Lá na praia, você começou a me chamar de irmão. Já sabia que eu era o escolhido de Poseidon, não é? — Afirmou Kai encurralando Nik e interrompendo Ray.

— Tinha que ser o escolhido de Zeus. — Marco arqueou a sobrancelha, sem surpresa.

— Está bem, vocês me encurralaram. — Nik suspirou, rendido. — É que... ser escolhido pelo rei do Olimpo me dá certas vantagens, só isso.

— Vantagens? — Perguntou Ray, curioso.

— E pelo jeito não vai compartilhar, não é?

— Não preciso dizer o óbvio, mas posso dizer duas coisas sobre ela. — Nik fez uma pausa, se divertindo com a atenção dos outros. — Primeiro: eu não sou o único que pode ter esse conhecimento. Vocês terão que descobrir quem e como usar. Segundo: não consigo saber quantos escolhidos existem ou qual deus os escolheu. Apenas o local.

— Então, já posso descartar que é um dom e sim, um objeto ou uma pessoa que te passa informações, não é mesmo? — Afirmou Sophia estreitando os olhos. Nik fez um breve sorriso forçado para disfarçar, mas falhou miseravelmente.

— Bem... você é a detetive do Olimpo. Não preciso dizer algo que já vai descobrir.

— Voltando ao foco, mas se o *ragazzo disse foi verdade*. Então como sabia que ele era o escolhido de Poseidon? — Perguntou Marco tentando manter a conversa.

— Digamos que foi um lance fraternal. — Sorriu Nik.

— E sobre o próximo? — Suspirou Sophia perguntando. — Pelo menos sabe onde está?

— Bom, apenas que se encontra na Floresta da Tijuca, um pouco fora da reserva. Mas está tarde, não vale a pena arriscar. Não concorda Sophia?

Sophia bagunça levemente seus cabelos, contrariada:

— Está bem, você está certo. Amanhã cedo, na frente do hotel. Todos. — Frisou, encarando Ray e Nik, que riram maliciosos.

— *Relax, my pincess, that's fine. I promised.* Eu não vou empolgar demais. Você sabe que tenho olhos apenas pra você. — Disse Ray, exagerado.

— Então, boa noite. — Disse Sophia revirando os olhos, indo em direção da porta.

— Mas já vai? — Perguntou Kai.

— Foi um dia cansativo, mas aproveita. — Finalizou Sophia saindo do quarto.

— *Rompicoglioni.* — Murmurou Marco, esmagando a lata de cerveja na mão.

— Bom então vamos? — Disse Nik, se levantando junto com Ray animados.

— Aonde vão? — Perguntou Marco, desconfiado.

— Vamos conhecer as latinas, *baby! Byee!*

— *Arrivederci!* — Marco suspirou aliviado, logo após olhando para Kai. — Se divertiu *ragazzo?*

— Faz anos que eu não tinha uma festa... desde...

— Sua irmã, não é? — Um silêncio aprofundou no local até Marco abrir um sorriso. — É, deu pra perceber. Até na guerra de travesseiro você entrou.

— Você que começou. Além disso, eu... — Kai ficou sério por um instante. — ... Eu queria te animar um pouco. Eu vi seu estado no avião.

— Achei que estava dormindo.

— Todo mundo achou. Eu só queria fazer o que minha irmã faria se estivesse aqui...

— Mariana, não é?

— Sim.

— Ela deve ter sido uma guerreira. Me lembra meus *fratelli*.

— *Fratelli?*

— *Sì*, meus irmãos. Principalmente o Alessandro, *mio fratello maggiore*.

— E como ele era? — Perguntou Kai curioso, enquanto Marco se levantava e começava a arrumar a bagunça.

— Bene, o Alessandro sempre foi confiante e tranquilo demais. Ele sempre se preocupava com todo mundo. Eu sentia que poderia sempre contar com ele e

que nunca me desapontaria. Ele... me ajudou muito. — Marco parou de repente, abrindo os olhos. — *Non ci credo!*

— O que foi?

— Minha *famiglia* deve estar preocupada! Esqueci de ligar, nem sabem que estou no Brasil.

— *What's the problem?*

— Quebrei meu celular enquanto lutava com aquela chata da Sophia. Pera, você tem um celular para eu...?

— Sim, claro, mas... vai ligar agora? — Perguntou Kai, entregando o celular, onde Marco tomou com rapidez.

— *Sì*, por quê?

— Bem, está tarde. Não é melhor ligar amanhã de manhã? — Marco parou por um momento, refletindo, e devolveu o aparelho:

— *Sta bene*. Deve ser madrugada lá. Tem razão. É que minha *famiglia* é unida... é complicado. — Kai assentiu, compreensivo.

Mais tarde, já deitados, a escuridão e o silêncio preenchiem o local, todavia Marco sussurrou quebrando esse momento de calma:

— Kai, está acordado?

— Sim. Não consegue dormir?

— É... na verdade *ragazzo*. Eu queria pedir desculpas pela briga na sua festa. Sou um *uomo* duro, às vezes assusto. Mas não sou assim com todos. Essa *ragazza* me tira do sério.

— Não tem problema, na verdade eu sei que você é um cara legal. Eu vi como você era atencioso com minha mãe. E pelo que o Ray me contou passamos pela mesma coisa. Sobre seguir caminhos errados.

— Mais do que imagina, *ragazzo*. — Marco deu uma risada baixa. — Mas *grazie* por confiar.

— Marco, posso te fazer uma pergunta?

— Claro, o que quiser. — Kai hesitou, mas perguntou:

— Na praia.... Sophia disse que você e o Ray estavam mal. E no avião...

— Eu estou bem. — Interrompeu Marco com tom seco em suas palavras.

— Desculpa, eu não...

— *Ragazzo... grazie* por se preocupar. Mas agora... é hora de dormir.

— Está bem. *So... Good night*, Marco. — Kai sorriu de leve, aceitando mesmo com preocupação.

— *Buona notte*, Kai.

Marco fechou os olhos bruscamente, suspirando fundo para tentar esquecer o terror daquela visão, até novamente suas lembranças retornaram.



— Marco? *Tutto bene?*

As mãos firmes e preocupadas da minha *mamma* me despertaram. Já estávamos na porta do ginásio. O local do grande torneio. Não imaginava que minha ansiedade e preocupação me dispersariam até a nossa chegada.

— *Sì, mamma*. — Sorri forçadamente.

— *Mamma*, vamos? — Disse Francesco, apontando para a entrada dos assentos.

— *Fratello, buona fortuna!* — Disse Pietro e Aurora em sintonia.

— *Grazie*, Pietro e Aurora.

— O *papá* está lá dentro se organizando. Martina e Vittorio separaram os nossos lugares. Então não precisa se preocupar. — Disse Alessandro, dando leves tapas descontraído em minhas costas. Seus pequenos toques traziam uma pequena dor ardente ao lado das queimaduras deixadas por Ares.

— Certo.

— Hey, não nos humilhe. Só... acabe com eles. — Disse Francesco, desviando o olhar.

— Francesco... — Dou um leve suspiro ouvindo suas palavras. — *Sì, fratello*.

Por um leve momento notei uma preocupação aos olhos de Alessandro, mas ele soltou um leve respiro com um sorriso. Eu não precisava dizer nada que ele já conseguia sentir minha ansiedade. Eu não queria preocupá-lo com o meu reencontro com Ares, então apenas me calei e tentei focar na competição, mesmo com a dor se espalhando pelo meu corpo.

— *Buonasera, Squalis!* Sejam muito bem-vindos ao Torneio Amador de Boxe! Hoje a nossa arena vai tremer com a energia, a coragem e a paixão desses jovens

lutadores! Aqui não importa só a força. importa o *cuore*, a disciplina e o respeito! Cada round é uma batalha e cada soco uma história! — A música transcendia o ambiente em sintonia com a voz do apresentador, contagiando o público. — E agora... o momento que todos esperavam... *Signore e signori... che lo spettacolo abbia inizio!*

O grito do público elevava-se ao extremo, contagiando a todos. Era o momento da grande batalha. Entretanto, para mim, não era apenas uma luta contra meu adversário, mas contra o meu próprio corpo, que queimava flamejante pela força de Ares.

— E agora, *signore e signori*, com tanta energia, coragem e *un cuore* fortíssimo... Aquele que muitos conhecem pelo olhar a determinação e nos punhos *a forza di un vero guerriero come la tua famiglia!* Recebam com muitos aplausos... Marco Lívioooo!

A respiração lenta acompanhava meu caminhar pelo corredor iluminado por refletores. Os punhos já enfaixados, o capuz do agasalho levemente abaixado sobre o rosto. A cada passo firme, o público ia aumentando os aplausos, gritos de incentivo e assobios de torcida. Principalmente minha *famiglia*.

— *Forza, Marco! Vai, ragazzo!* — Ecoava da arquibancada, misturando vozes de familiares, amigos e curiosos que já o tratavam como promessa do dia.

Ergo uma das mãos para cumprimentar a plateia, mantendo a expressão concentrada, mas com um leve sorriso de quem sentia o calor da torcida. Aquilo preenchia o meu peito, como se por um instante toda dor e lembrança a respeito à Ares desaparecesse. Ao chegar próximo ao ringue, retiro o capuz revelando o meu olhar já decidido, encarando o espaço como se fosse parte dele. “Eu preciso vencer, apenas com minha força.”

Meus pensamentos se repetem, enquanto subo pelas cordas com agilidade, saudei novamente o público e bati os punhos juntos no ar, arrancando ainda mais gritos:

— Marco! Marco! Marco!

A arena de *Squalis* parecia pulsar junto com meus passos. Uma sinfonia única, quase abafando a torcida do adversário. Para mim, não interessava o nome ou quem seria meu oponente, desde que eu conseguisse vencê-lo ou melhor, desde que eu consiga atingi-lo sem a força bruta de Ares, sem matá-lo com um único golpe.

Respiro fundo, focando apenas no ragazzo em minha frente. Conseguia sentir seu receio e medo contra mim. Talvez seja pelo meu nome em inúmeros torneios que participei desde o juvenil até o amador. Me posiciono em alto defesa.

“Apenas um golpe em seu rosto. Só preciso apagá-lo usando o mínimo de força.”
Reflito, olhando fixo ao meu oponente.

O sinal soa, vibrando como alarme em nossos ouvidos. O momento do novo teste se emerge em meu corpo. Meu corpo queria avançar, mas hesitei. A ansiedade me prendeu. O garoto traz um olhar surpreso percebendo o meu recuo. Não era de se esperar, todos esperavam o primeiro golpe de Marco Lívio, o garoto impulsivo. Hoje, porém, não era um torneio normal. Pelo menos para mim.

— Marco! *Spacca tutto!*

O garoto, avança rapidamente se preparando para lançar um soco direto. Um golpe comum, lento, previsível. Percebo no mesmo instante. Meus olhos se arregalaram, e instintivamente, me esquivo para o lado em um movimento rápido, obtendo a chance de um contra-ataque.

POW! O som abafado ecoou pela luva atingindo em cheio seu rosto pálido. Foi algo voluntário e calculado, com o mínimo de força possível, mas o suficiente para derrubar o protetor bucal. O corpo dele tombou pesadamente no ringue, sob os gritos surpresos do público. O árbitro se lança ao lado, firme começando a contagem:

— *Uno! Due! Tre! Quattro! Cinque! Sei!...*

A torcida começa a vibrar, explodindo em coro:

— Marco! Marco! Marco!

— ... *Sette! Otto! Nove! Dieci! Il vincitore è... Marco Livio!*

— *Ecco fatto! Marco Livio ha dominato il ring! Che vittoria spettacolare!*

Meu braço é erguido pelo árbitro a seguido de aplausos arrancados. Olhei de relance para meu adversário, que estava apenas atordoado. Não havia risco de ferimentos graves. Ele está bem. O alívio invadiu meu peito com um sorriso finalmente preenchendo meu rosto: Eu consegui dominá-lo. Eu conseguir vencer.

Ao descer do ringue, fui surpreendido pelas mãos firmes do meu *papà* bagunçando de leve meus cabelos, em um gesto de pura admiração:

— *Quello è mio figlio!* Que força estava escondendo, hein?!

— Não foi nada, *papà*. — Respondi com um sorriso breve.

— Continue assim que vai vencer! — Disse ele, dando um tapa leve que mais parecia um empurrão, trazendo uma ardência ainda mais forte do que os golpes da luta. Um pequeno murmúrio de dor escapou de meus lábios, mas rapidamente tentei me recompor, fingindo ser apenas uma brincadeira comum entre pai e filho. No entanto... eu sabia, lá no fundo, que aquilo era apenas o começo.

A cada nova luta, a sensação mudava. Uma, duas, três... As partidas terminavam no mesmo estilo. Todas em nocautes rápidos. Alguns adversários até tentavam resistir, mas bastava um golpe meu para produzir uma pressão imensa em seus corpos fracos para que caíssem. O público vibrava, mas dentro de mim, algo queimava. Com o decorrer do tempo, a dor angustiante se alastrava entre meus músculos. Cada vitória parecia me esvaziar. O suor escorria como fogo líquido, minhas veias latejavam, e o ar da arena parecia cada vez mais pesado como se eu lutasse dentro de um forno. E isso, está começando a me estressar. Não consigo mais sorrir, apenas quero que isso acabe. “Por que continuam lutando? Não conseguem enxergar que estou mais forte? Ou apenas acreditam que conseguem vencer a força do deus da guerra? São apenas insetos inúteis!” Pera. Arregalei os olhos. “*O quê? Isso não sou eu... sou Marco Lívio, não aquele estúpido do Ares!*”

— *Il vincitore è... Marco Livio!*

Na sexta vitória, quase avancei sobre o adversário desacordado com meu corpo consumido pela raiva. Me contive por pouco. Não sei se foi os contragolpes ou os gritos latentes da torcida, mas aquilo está acabando com a minha paciência.

— *Figlio*, está tudo bem? — A voz preocupada de meu papá percorre meus ouvidos como um zumbido irritante.

— *Sto, bene*. — Respondo frio, arrancando a luva e me afastando com fúria. Percebendo a situação, ele tentou tocar meu ombro, mas desviei como se fosse uma provocação. — *Te l'ho già detto papà, sto bene!*

Seu olhar entristecido me atingiu como um espelho. Notei meu punho cerrado, pronto para revidar contra ele. *Maledizione...*, mas que merda estou fazendo? Olho novamente para o seu rosto com a expressando pesada de culpa e uma desculpa silenciosa. Começo a me afastar, tentando escapar me refugiando no vestuário sem olhar para trás. O silêncio era quase ensurdecador. Apenas uma torneira pingando, marcando com o ritmo irregular, tornando-se o metrônomo da minha ansiedade crescente. A respiração pesada, com a batida do pé, num compasso nervoso diante do espelho... e por um instante, não reconheci meu reflexo. Meus olhos pareciam mais escuros, sombreados como brasas prestes a explodir.

— Marco? Você está bem? — A voz suave e preocupada de Leonardo ecoa, cautelosamente entre o ambiente silencioso.

— O que você quer? — Digo frio, olhando seu reflexo atrás de mim.

— O que você tem? Eu vi como você estava com o *papà*. O que está acontecendo com você? Está distante.

— É só o calor do momento... ansiedade antes da final. — Peguei uma toalha, tentando parecer indiferente.

— Não minta para mim! — Leonardo se aproximou. — Eu sou seu irmão. Seu amigo e te conheço desde criança. Eu sei quando tem algo de errado. Nunca vi você irritado daquele jeito. Ir para cima do árbitro? Querer esmagar o adversário já caído? Aquilo não é você?

— E se eu fosse? O que você pode falar a respeito? Você foi como os outros. Um covarde que desistiu de lutar e seguir os passos do *papà*. Agora, quando eu estou no auge você quer me dar uma lição de moral?

— Marco, você sabe muito bem o porquê que desisti do boxe... Só estou preocupado. — A voz dele sai trêmula, mas determinada. — Você teve outro pesadelo com o Ares, não teve?

Mordi os lábios, virando-me de repente. A fúria emanando chegando ao limite com os punhos cerrados. — EU JÁ DISSE QUE EU ESTOU BEM! — Gritei, socando a porta do armário com raiva. O estrondo metálico ecoou, rachando parte da chapa.

O silêncio se estende como um eco em meio a tensão que emana no local. A respiração ofegante e abafada percorria meu corpo. Ao me virar ainda com raiva. O choque atravessou meu peito. Leonardo estava paralisado. Aquele olhar... o mesmo daquela noite. Medo. O coração acelerado, o corpo rígido.

— Marco... — sua voz tremeu, mas firme. — Eu não tenho medo de você. Tenho medo de você se perder.

Meu peito se apertou. Ele não precisava dizer mais nada. O reflexo do espelho ao fundo me acusava: não era mais só eu ali. Eu estava virando o deus da guerra.



Marcos acorda inesperadamente. O corpo suado, um pequeno grunhido de dor emerge escapando de seus lábios quando sente as queimaduras ainda ardendo.

— Merda... — Murmurou, esfregando os olhos enquanto tenta despertar. Ele virou o rosto para o lado, mas Kai já não estava mais lá. — Kai?

O som de goteiras e de água correndo chegava do banheiro. A porta está aberta, mas a escuridão permanece entre os dois ambientes. Marco se levanta

cautelosamente para o seu encontro ligando a luz do banheiro e se assustando com a imagem. O corpo dele flutuava acima do chão, inerte como se estivesse suspenso em um sonho líquido sem gravidade. O rosto permanecia sereno, adormecido, mas a tranquilidade era apenas aparência. A água escorria invisível, penetrando pelas narinas e pela boca entreaberta, entrando em seus pulmões com delicadeza de uma maré calma, como se fossem chamadas por uma força invisível.

A cada instante, O peito se agitava em espasmos sutis involuntários, um instinto de sobrevivência tentando lutar contra o sono profundo, roubando o ar que ele nunca chegou a perceber que faltava. Não havia dor em seu rosto, apenas a estranha serenidade de quem sonha que nada no mar. Era como se sonhasse com o mar, sem saber que o mar já a estava engolindo por dentro. Algo belo, único, e ao mesmo tempo tenebroso.

— Mamma mia!

Marco correu, fechou as torneiras e puxa Kai de volta para o chão. No instante em que o tocou, a água que aquela quantidade de água inundava seu corpo como uma corrente se dissipou, sumindo pelo piso como uma corrente quebrada. Kai acorda com tosses fortes, ofegante, finalmente a procura de ar novamente.

— Ragazzo? Sta bene? — Perguntou Marco, ainda o segurando e observando seu estado.

— O que aconteceu? — Tossiu Kai, confuso. — Por que estou todo molhado?

— Pelo jeito o seu deus não te passou a manual de seu corpo.

— Manual...?

— Bene, vamos dormir. Ainda temos algumas horas antes de ser acordados pela chata da Sophia. Só troca de roupa.

Kai afirmou com a cabeça, ainda confuso e sonolento. Marco, porém, apenas cerra os punhos, olhando entristecido para o rapaz. Ele não era o único que sofria por ser escolhidos. Cada um carregava sua própria guerra. A guerra dos deuses.

O dia amanhece mais rápido que o esperado para os escolhidos. Kai e Marco estavam sonolentos, mas não podia deixar de expressar sua curiosidade nesse passeio, principalmente para Kai, que nunca havia viajado antes. Sophia, por outro lado, mostrava-se impaciente a procura pelos dois que estavam atrasados:

— Cadê aqueles dois? — Resmungou.

— Com certeza estão de ressaca no quarto. — Disse Marco, se divertindo com a situação.

— Eu falei do horário. O que custa seguir uma única vez? — Murmurou Sophia, irritada.

— Calma, Sophia, eles já vão chegar. — Disse Kai, tentando reconfortá-la.

— E chegamos. Bom, eu pelo menos. — Afirmou Nik, com o rosto abatido.

— Você está bem? — Perguntou Kai, reparando o estado.

— Só uma ressaca daquelas... e o sono. Não tive muito tempo pra dormir... vocês entendem, não é? — Respondeu, piscando de forma sugestiva malisiosa, forçando Marco e Kai a desviarem o olhar, desconfortáveis.

— E cadê o Ray? Não me diga que está dormindo...

— Está se arrumando. Relaxa, ele é o único que consegue nos acompanhar.
— Nik deu de ombros. — Mas pediu pra te dizer algo.

— O quê? — Perguntou Sophia, já desconfiada, estreitando os olhos, esperando alguma besteira

— Ele disse: “Diz para *my princess* que me comportei. Só bebi um pouquinho... *I think*.”

— *I think*? Sério? — Perguntou retoricamente Sophia, indignada. — Então vamos logo.

— Está bem... Eu acho. — Finalizou Kai, seguindo atrás dela, junto dos outros.

— Ei, *ragazzo*. Sobre o celular. — Marco chamou.

— Quer usar agora?

— Pensando bem, é melhor fazer isso quando voltarmos. Meu *papà* deve estar ocupado.

— Ah, tudo bem.

Ao entrarem na reserva da floresta, Kai e Marco trocavam comentários brincalhões no caminho, o que fez Sophia sentir um leve incômodo pela aproximação repentina dos dois.

— Ele só está conversando relaxa. — Comentou Nik com um sorriso.

— O que você quer Nik? Se não tem nada a me dizer sobre seu grande mistério, pode se afastar que estou bem guiando o grupo.

— Não muda de assunto. Dá pra ver sua cara de incômodo.

Sophia bufou, cedendo:

— Como eles se aproximaram tão rápido. Isso é coisa deles ou ele só fez isso para me irritar?

— Você tem uma implicância imensa com o Marco.

— Correção: eu tenho implicância com todos que me encham o saco com surpresas irritantes.

— Fico feliz que faço parte do seu coração de pedra.

De repente, Ray surgiu correndo, levantando poeira e interrompendo o caminho.

— *Hey guys, what did I miss?*

— Nada demais. Só que a Sophia não parava de perguntar sobre você. — Piscou Nik, brincando.

— Nik seu...

— *Really, my princess?* Quer um abraço de saudade? — Ray abriu os braços, animado.

— Nem pensar. Se afaste de mim. — Afirmou seca colocando uma de suas mãos no rosto de Ray, afastando-o e impedindo sua aproximação afetiva.

— E pra onde estamos indo? Já estamos andando faz tempo. — Perguntou Kai, rindo da cena.

— Temos que sair da reserva.

— *Wait...*, mas não tem animais selvagens lá? — Questionou Ray, finalmente desgrudando do modo carente.

— Somos escolhidos pelos deuses, e você está com medo de animais selvagens? — Perguntou Marco, cruzando os braços com um sorriso.

— *Me? No*, claro que não. Eu só não quero morrer e perder *my princess*.

— Não seja ridículo. Você não iria morrer por algo tosco assim. — Sophia respondeu seca e, em seguida, encarou Nik com seriedade: — Tem certeza disso?

— Claro que tenho. A não ser que queira esperar o escolhido bater na porta de casa. — Disse Nik passando à frente para guiar o caminho.

— Só espero que a gente não cause nenhum problema...

— Por que tanto drama? — Perguntou Marco, olhando indiferente para Sophia.

— Você esqueceu da destruição que você causou em Santa Mônica? Claro que os deuses podem até passar pano, mas isso não muda o caos que deixou para trás. Pessoas perderam seus bens materiais, trabalhos e teve aquela morte.

— Não foi minha culpa! — Gritou Marco, nervoso, como se a palavra “morte” fosse um gatilho. Percebendo sua mudança de humor decidiu se adiantar na frente para esfriar a cabeça.

— Sophia... não culpe ele. Foi por minha causa que o parque desabou. Eu também tenho culpa.

— Kai, acha mesmo que é só isso que o deixa tão irritado?

— Mas...

— Eu sei que nenhum de vocês tiveram culpa. Foi apenas um descontrole e falta de informação. O que está realmente atormentando o seu amiguinho é aquela morte horrenda. Apenas fiz um teste para confirmar. — Sophia respirou fundo, por um momento observando a preocupação nos olhos de Kai. — Olha, eu sei que você está preocupado, eu também estou. Talvez ele tenha recebido um trauma, e quanto mais rápido descobrimos, mais rápido poderemos tratar e curar ele. Afinal, mesmo que eu não goste... ele faz parte do time e pelo jeito uma pessoa importante para você. Só não conte pra ele.

— Obrigado Sophia. — Agradeceu Kai, um pouco aliviado com suas palavras.

— Ei pessoal! Vamos descer uma colina, então cuidado onde pisam. Depois disso, já estaremos bem longe da rota normal. — alertou Nik.

Ao desceram cautelosamente. O som da cidade parecia ser engolido pela mata, substituído apenas pela natureza preservada. As árvores altas trazia dificuldade de deslumbrar o céu azul caloroso do Rio, enquanto aves e cigarras cantavam, atentos à presença dos jovens. Por um breve momento, tudo pareceu silencioso demais.

— Fiquem em alertas. — Alertou Sophia, se posicionando cautelosamente ao lado de Marco.

— O que houve? — Perguntou Kai, que levemente olhava em volta, atrás de Sophia e Marco.

— Está quieto demais.

— Como assim quieto? Não está ouvindo os grilos cantando? Eu posso verificar se tem alguém. *I'm fast, remember?* — Afirmou Ray, pronto para disparar.

— Ray, espera...

— *What was that?* — Interrompeu ele, pisando em folhas secas. Até que, com um movimento rápido, antes que pudesse dar outro passo. Seu coração disparou quando algo cortou o ar, passando rente ao seu rosto. A brisa do impacto arrepiou sua pele antes de atingir a árvore ao lado com um estalo seco. A ponta cravando com precisão em sua casca áspera. — Ahhhhh!

Num reflexo, Ray caiu para trás, o susto congelando seus movimentos. Seus olhos se arregalaram, buscando o horizonte da floresta, agora mergulhada em tensão.

— Uma flecha? — Mas não houve tempo para mais nada. O estalo repetiu-se. Outra flecha cortou o ar. Depois outra. E mais uma. Elas vinham de todos os lados, invisíveis e certeiras.

O som do impacto das flechas cravando-se nas árvores era abafado pela tensão crescente, mas o medo era palpável. Sophia, que estava um pouco atrás, reagiu instintivamente. Seu escudo surgiu em sua mão com a mesma naturalidade de um reflexo.

— Todos para trás de mim, agora! — Ordenou, a voz firme, mesmo diante da ameaça invisível. Ela se colocou à frente do grupo, o escudo brilhando sob a luz filtrada pelas copas.

Flechas continuavam a zunir, atravessando o ar e cravando-se nas árvores com uma precisão mortal. O barulho dos arcos misturava-se ao farfalhar das folhas, criando um ritmo sufocante. As sombras se estendiam por todo o ambiente, como se a própria floresta parecia viva, hostil, como se tornando uma ameaça invisível. O ataque era rápido, impiedoso e, pelo jeito, bem planejado. Ninguém sabia de onde vinha o perigo. Só sabiam que estavam cercados.

— Precisamos sair daqui. Algum plano? — Perguntou Nik, aflito.

— Espere! — Sophia estreitou os olhos pelo reflexo da luz em seu escudo, conseguiu distinguir uma silhueta oculta entre as árvores. — Marco, consegue pegar uma flecha?

— Não precisa dizer, eu já entendi. — Afirmou Marco, se preparando, firme.

— Segue a luz e... — Sophia atenta para o momento certo, enquanto Marco se posiciona para um lançamento oblíquo. — Agora!

Marco faz o lançamento, rasgando o ar com uma força brutal. O som seco ecoou pela floresta, mas não houve grito de dor, tampouco impacto visível. Ainda assim, o bombardeio cessou.

— Corram! — Ordenou Sophia, onde todos disparam pela floresta, com Ray na dianteira. Seu corpo se movendo com rapidez pela floresta, mas os galhos e o

terreno irregular dificultando seu avanço. O coração martelava pesadamente no peito, o ar parecia mais denso a cada respiração. Ele não podia ousar olhar para trás, precisava focar apenas em escapar.

Mas então, no meio da corrida, o perigo voltou a se fazer presente. O chão pareceu ceder sob seus pés. Ray não teve tempo de pensar, tentou desviar num movimento quase instintivo, mas já era tarde.

Uma flecha disparou com uma velocidade mortal como um trovão silencioso. Ray só teve tempo de ouvir o zunido cortante do projétil antes de a dor insuportável atravessar sua perna. O projétil que viera com a força de um predador invisível, cravou-se brutalmente em sua panturrilha. O impacto o fez vacilar, cambaleando para frente, o ar sendo forçado para fora de seus pulmões em um grito abafado.

— Ahhh! — Ele se agarrou à perna, os dentes cerrados.

A flecha ainda estava cravada em sua perna e o sangue começou a escorrer rápido, tingindo suas roupas e a terra sob ele. Ele caiu de joelhos, a dor pulsando de forma insuportável. Sua visão turvou por um momento, mas forçou seus olhos a se manterem abertos, lutando contra a inconsciência.

O som de mais flechas cortando o ar parecia agora distante, abafado pela dor lancinante que brotava em sua perna. O medo se espalhava por todo o seu corpo. Sophia foi a primeira a alcançá-lo. Ela se agachou ao lado dele, sem hesitar:

— Ray, não se mova! *Scheiße!* — Ela ordenou, sua voz firme e urgente.

Quando ela tentou avaliar a ferida tocando-o, Ray berrou:

— *SHIT! NO PLEASE! MY PRINCESS, NO!*

— Não tem jeito, precisamos tirar logo e estancar esse sangue. — Sophia olhou para Marco. — Segure ele firme.

Ray tentou resistir, mas não houve tempo para discussão. Com um puxão único e brutal, Sophia arrancou a flecha.

— AAAAAHHHHHHH! *FUCK OFF!!!* — Ray rugiu de dor ecoando pela floresta. Ela imediatamente pressionou a ferida, tentando estancar o sangue.

— Marco!

— *Stå bene!* — Marco o ergueu nos braços sem esforço.

O grupo voltou a correr, desviando das novas flechas forçando-os a seguirem um caminho mais longe dentro da floresta, até chegar em um campo aberto e silencioso demais. As árvores eram espaçadas, dispersas e retorcidas aqui e ali. Suas silhuetas magras e retorcidas como dedos esqueléticos estendendo-se para o céu. O chão estava coberto por uma grama alta e densa, que balançava

suavemente com o vento, como se a própria terra estivesse respirando, mas a sensação de desconforto era sufocante.

Não parecia natural. Havia algo errado, algo oculto entre a grama alta e as árvores esparsas. Foi então que, ao olhar em volta, Sophia parou subitamente, encarando com o olhar fixo em uma linha de árvores à frente, como se tivesse notado algo peculiar:

— Estamos cercados! Não tem saída.

Todos olharam para trás, o caminho de onde tinham vindo parecia ter desaparecido, engolido pela própria floresta. As árvores e os arbustos ao redor se fechavam como uma muralha viva. Era quase imperceptível uma saída

— Se preparem! — Sophia ergueu o escudo à frente do grupo, os olhos fixos na trilha desaparecida.

Lentamente, uma figura surgiu entre as árvores, como se tivesse se materializado do próprio campo. Estava envolta em um manto bege, o capuz erguido o suficiente para esconder boa parte do rosto, mas o que mais chamava a atenção era a máscara de madeira, marcada por linhas que lembravam símbolos de povos indígenas. Alguns fios de cabelo escapavam do manto, permitindo vislumbrar a possibilidade de ser uma mulher. Ela mantinha o arco firme, a flecha apontada diretamente para Sophia.

— São canibais! Vão nos devorar! — Gritou Ray, caído no chão atrás do grupo, em puro desespero.

— Não seja ridículo! É apenas uma indígena. — Corrigiu Sophia, sem tirar os olhos da mulher à frente, enquanto se aproximava cautelosamente. — Você deve ser outra escolhida. Não existe nenhum povo isolado nessa reserva, e nós não estamos aqui para lutar. Por favor!

— E você acha que ela entende nossa língua? — Murmurou Marco, ainda em posição de defesa atrás de Sophia.

De repente, a flecha foi disparada. Mas não contra Sophia. O projétil se curvou pelo ar, como se fosse guiado pelo vento, desviando do escudo dela e seguindo em direção a Nik, que até então permanecia tranquilo, sem preocupação. Antes que atingisse o alvo, um estalo soou do outro lado da floresta. Outra flecha, disparada com a mesma precisão, cruzou o ar como uma resposta imediata, como uma resposta no momento perfeito.

As duas flechas cortaram o ar com tal velocidade e precisão que pareciam estar em um baile mortal, dançando em direções opostas, até que, de forma impossível, ambas se encontraram no meio do caminho. As duas flechas se encontraram no meio do caminho, em um impacto impossível. A colisão foi surda,

quase abafada pelo caos da floresta. No instante seguinte, ambas caíram presas uma à outra, as pontas de aço unidas, despencando em sincronia até o chão em um movimento quase coreografado. Nenhuma delas atingiu o alvo.

Nik permaneceu imóvel, encarando o impossível, como se a própria floresta estivesse presa em um instante de incredulidade. O perigo havia sido desviado, mas por pouco. Sophia, preparada para um ataque, congelou por um segundo antes de se recompor. Até mesmo a arqueira indígena desviou os olhos, junto ao grupo, procurando de onde viera o segundo disparo.

Dos arbustos à esquerda, onde mal havia passagem, surgiu outra figura mascarada. Também trajava um manto bege, mas três detalhes o diferenciavam: a máscara que lembrava a cabeça de uma ave, o porte físico robusto e, por fim, a mancha de sangue no manto, próxima ao quadril direito.

— Já chega! Isso está indo longe demais! — Disse o homem mascarado, sua voz grossa, mas suave.

— Não se meta! — Retrucou a mulher, preparando outra flecha.

— Poderia ser mais receptiva com nossos convidados. Sem contar que... as flechas ainda estão lá. Se alguém da reserva pegar...

— Droga. — Resmungou, guardando a flecha. — Então cuide deles.

Em seguida, desapareceu entre as árvores, deixando apenas o alívio suspirar pelos escolhidos.

— Peço desculpas. Minha irmã não é muito amigável com estranhos... principalmente agora. Sabe como é.

— Quem são vocês? — Perguntou Marco.

— Ahh, esqueci de apresentar. — Explicou o homem, retirando o capuz e a máscara. Sua pele morena radiava com o destaque das pinturas indígenas em seu rosto. Os longos cabelos em rastafári emolduravam o sorriso sincero e brilhante. — Meu nome é Kauê. E bom... vocês já conheceram minha irmã, Aiyra.

Sophia, percebendo a sinceridade, abaixou o escudo e se recompôs

— Meu nome é Sophia e...

— Você é a escolhida de Atena, né? Pô, que foda o seu escudo. Não pensei que virava uma caneta, isso não tá nos livros. — Ele riu, depois olhou para os demais. — Eu sei que um de vocês é de Zeus, mas não sei quem é quem. Agora você... — Apontou para Marco. — Deve ser o de Ares. A flecha me atingiu e fiquei meio bolado, saca?

— É... foi mal. — Disse Marco, um pouco sem jeito.

— Relaxa, cara. Já tô bem, nem um arranhão. Ah, deixa eu ajudar o seu parceiro. O de Hermes, não é?

— *Wait, I don't want!* — Protestou Ray, recuando pelo chão.

— Eu não falo inglês. parça, mas sou médico. O melhor de todos, além da parada da benção que ganhei.

— Então você é o escolhido de Apolo e suponho que sua irmã, seria de Ártemis. — Concluiu Sophia.

— Como esperado da escolhida de Atena... esperta demais. Então, posso? Seu parça tá perdendo sangue. Vai ser rápido e indolor, confia. — Disse Kauê, olhando para Ray.

— Está bem. Deixa ele passar. — Ordenou Sophia, abrindo caminho.

— *What?* Vai mesmo confiar nele? Assim de uma hora pra outra? — Reclamou Ray, com medo.

— Olha mermão... ou tu confia em mim, ou chamo minha irmã.

Ray engole seco, esboçando um sorriso desesperador:

— N... *No problem. He...he.*

Kauê se agachou e começou a retirar a bandagem, revelando o estado grotesco da perna de Ray. O garoto grunhia de dor.

— Cacete mermão, minha irmã te detonou bonito, hein? — Murmurou, soltando uma risada baixa enquanto posicionava as mãos sobre o ferimento. Uma luz fraca e esverdeada começou a irradiar de seus dedos.

— *What's that?* — Perguntou Ray. Parando os gritos de dor.

— Esse é o meu superpoder, tá ligado?

A ferida começou a cicatrizar calmamente até não restar nenhum resquício de machucado ou cicatriz.

— *Oh man, that's crazy!* — Disse Ray, levantando-se rápido, empolgado.

— É foda mesmo essa parada. — Completou Kauê, com um sorriso admirável.

— Então, por que nos atacou se ia nos ajudar de qualquer maneira? — Perguntou Kai, curioso.

— Então... essa parada foi ideia da minha irmã. Na verdade, foi...

— Para testá-los. — Interrompeu Aiyra, jogando a aljava cheia de flechas no chão e retirando a máscara. Seu rosto moreno, os olhos puxados semelhantes ao do irmão, era belo e destacado pelas pinturas e maquiagens rituais. Mas sua expressão transbordava pura indignação. — E pelo jeito, foi uma perda de tempo.

— Peraí... você disse perda de tempo? Nik arqueou a sobrancelha, intrigado. — Você acha que essas suas “flechinhas” fariam alguma diferença só porque nos deu um susto?

— Nik... — Murmurou Sophia, mas foi relativamente ignorada.

— A minhas flechinhas deixaram todos encurralados. — Rebateu Aiyra, firme. — Sem contar no seu amiguinho abatido. Deve ser uma vergonha ser escolhido por um deus e ainda assim ser tão inútil.

— Aiyra, não provoca... — Tentou contornar o irmão.

— Repete, sua vadia! — Sophia avançou, ficando diante de Nik, pronta para enfrentá-la.

— Vou dizer uma vez só, para todos entenderem. — Aiyra elevou a voz, encarando cada um deles. — Escolhida de Atena: uma garota com estratégia e coragem excepcionais..., mas que, nesta batalha, quase não reagiu. Apenas ficou na defensiva, esperando que algo aparecesse. Estratégia inútil contra um inimigo rápido e astuto. Sem contar sua péssima liderança. O escolhido de Ares... só se move por impulso. Teve um pouco de compostura, mas vive hesitando em mostrar sua verdadeira força por pura estupidez. O infantil escolhido de Hermes... que apenas fugiu, sendo mais estorvo que ajuda. E, claro, temos as duas estátuas. O garotinho que não sabe usar seus poderes e o “invencível” escolhido de um deus do Olimpo, que não fez absolutamente nada. Só observou sem se importar com o redor. Poderia ter acabado com tudo rapidamente, mas não fez nada... e ainda quer dar palpite. Sem dúvida, o mais imprestável de todos.

Nik, enfurecido, ergueu a mão direita. Pequenas descargas elétricas começaram a se formar, iluminando o ar com o brilho de um raio prestes a ser lançado.

— Filha da puta! — Gritou.

No mesmo instante, seu braço foi segurado por Marco, que até então apenas ouvia em silêncio as acusações de Aiyra. Os estalos dos pequenos raios se dissiparam diante do toque firme dele. Os raios elétricos dançavam entre os braços de Marco que se tornava firme mesmo com a eletricidade corroendo seu corpo.

— Então, por que não nos treina?

— O quê? — Todos perguntaram como um coro pela dúvida.

— Eu admito, não sou... Na verdade, nunca fui uma boa líder e mesmo que a gente não aceite... — Sophia se vira olhando para Nik seriamente. — Todos sabemos nossos defeitos. Já que está pronta para a guerra, por que não se dispõe em nos ajudar?

Nik solta bruta dos apertos de Marco, sumindo o grande raio reluzente. Ainda nervoso, mas compreensivo.

— E por que eu faria isso? — Perguntou Aiyra, se aproximando de Sophia séria.

— Você sabe melhor que ninguém que a força não vem apenas da habilidade individual, Aiyra. Não é só com o arco que pode vencer. Você ganha mais do que um simples reconhecimento. Se não nos treinar, todos, incluindo você, vão sucumbir diante do que está por vir. Isso não é uma questão de poder, é uma questão de estratégia. E sem a sua orientação, até os mais fortes serão inúteis. Não estamos apenas nos preparando para um vilão qualquer, estamos enfrentando algo muito maior. Algo misterioso que afeta os deuses e ameaça a humanidade. Se realmente quiser salvar todos, esse é o caminho. A sua ajuda é uma opção, mas não é algo que qualquer um possa ignorar. — Sophia estendeu a mão, olhando levemente para Kauê e voltou a olhar para Aiyra séria. — Precisamos de vocês.

— Eu não confio fácil. Ainda mais em planos cheios de falhas. Mas... você tem razão. Se eu quiser que isso não vire um desastre maior, vou ter que garantir que saibam o que estão fazendo. Não por você. Nem por Atena. Mas porque eu me recuso a caçar ao lado de presas indefesas. — Afirmou Aiyra, apertando a mão de Sophia.

— Eu não vou participar de nenhum treino com essa vadia. — Afirmou Nik, cruzando os braços.

— Eu... também não quero, *my princess*... She's scary me. — Mumurou Ray.

— Ainda bem, assim não vou desperdiçar o meu tempo.

— Vamos fazer um seguinte. Se a Aiyra e todos estiverem de acordo, vamos realizar um teste. Um teste individual quem falhar terá que participar do treinamento. Pode ser?

— Tanto faz... — Disse Nik, com indiferença.

— Ótima ideia! — Disse Kauê, animado.

— Tudo bem. — Afirmou Aiyra. — Mas esse teste só vai acontecer depois do almoço.

— Eu quero pular o meu teste. — A voz de Kai soou firme, séria. — Eu quero aprender a controlar esse poder. Não quero ser mais uma ameaça. — Disse Kai, seriamente.

— *Ragazzo...* — Murmurou Marco.

— Isso é tempo suficiente. Talvez seja a hora perfeita para explicar sobre os escolhidos — completou Sophia.

— Nossos poderes? — Perguntou Kai, confuso.

— Sim. Imagino que seus deuses não tenham explicado o que realmente está acontecendo e quais os efeitos colaterais do uso deles. Acho que é o momento perfeito para isso.

— Ei, se é assim... bora comer algo? — Interrompeu Kauê, descontraído, abraçando Ray pelos ombros. — Conheço uma churrascaria perfeita aqui perto.

— *Really? Let's go!* — Vibrou Ray.

— Ficarei aqui preparando os testes. — Afirmou Aiyra, seca como sempre.

— Firmeza, de boa, Ai. Trago algo pra tu na volta, belezinha? Bora, bora brotar na churrascaria!

Enquanto caminhavam de volta para a rota principal da reserva, Sophia parou por um momento. Seus olhos percorreram as árvores, a sensação de estar sendo observada a incomodava.

— *Hey, ragazza, adiamo!*

— Tudo bem... — Respondeu ela, dando uma última olhada para a mata antes de seguir.

Poucos quarteirões depois, chegaram a um restaurante rústico. O cheiro de lenha queimada e carne na brasa os envolveu antes mesmo que cruzassem a entrada. O céu ensolarado ao horário de pico, combinou perfeitamente com o calor vindo de dentro daquele restaurante rústico. A fachada, de madeira envelhecida, trazia vigas robustas e detalhes talhados à mão, como se o lugar tivesse sido construído por alguém que conhecia cada nó de cada tronco usado.

Ao empurrar a porta dupla de madeira maciça, o rangido das dobradiças anunciou sua chegada como um trovão discreto. Lá dentro, o ambiente era envolvente, com a quantidade de pessoas no horário do almoço. Luzes amareladas pendiam de candelabros rústicos feitos de chifre e ferro, lançando sombras suaves sobre paredes de pedra e madeira escura. O teto alto exibia vigas expostas, e a fumaça leve das grelhas abertas se misturava ao ar como um perfume terroso, temperado com alecrim, alho e carvão. À esquerda, uma enorme churrasqueira

aberta crepitava com cortes suculentos de carne girando lentamente em espetos de ferro, cada um soltando gordura que chispava ao tocar o fogo. O calor dali aquecia o ambiente sem sufocar. Um velho assador, de avental engordurado e mãos calejadas, manjava os espetos com precisão quase cerimonial, como se cada corte fosse uma oferenda. O som de conversas abafadas e talheres contra pratos dava vida ao lugar. E no fundo, uma caixa de som que tocava um sertanejo familiar ao povo brasileiro, que parecia ter sido engolida pelo tempo.

Sem trocar muitas palavras, caminharam entre as mesas. O ranger do assoalho de madeira sob os passos pesados de cada um parecia mais alto do que deveria. Sentaram-se. As cadeiras rangiam com o peso e a tensão dos corpos. Então, Kauê segura o seu prato animado percebendo o brilho que se estendia nos olhares do grupo:

— Pega a visão. É só pegar o prato e se servir. A carne daqui é top, sempre no ponto, tá ligado?

— Com certeza! — Disse Ray, animado, indo logo à frente.

Pouco depois, todos estavam acomodados com pratos cheios, saboreando em silêncio o tempero marcante. Sophia então tomou a dianteira, a voz firme:

— Como eu estava dizendo... há muita coisa que precisamos entender sobre o que significa ser um escolhido.

— Tipo o quê, *my lady*? — Perguntou Ray, ainda mastigando.

— Vocês nunca se perguntaram por que os deuses gregos estão escolhendo mortais como nós?

— Pra salvar a humanidade, ué. — Respondeu Kauê, enfiando mais uma garfada de carne na boca.

— Não é apenas por isso... Vocês já ouviram falar na história da caixa de Pandora?

— Não. — Ray e Kai responderam em coro.

— Eu não lembro muito dessa caixa. — Murmurou Marco.

— Em resumo. — Disse Nik — Foi uma “caixa” que o deus do olimpo deu em troca das bênçãos que Pandora recebeu, mas ela não podia em hipótese alguma de abrir e por curiosidade quase acabou com toda humanidade.

— Nossa, essa caixa era tão ruim assim? O que tinha nela? — Perguntou Kai.

— Todos os males do mundo. Inveja, crueldade, guerra, fome, doenças... tudo se espalhou pela humanidade. — explicou Sophia. — Mas existe uma outra

versão. Nela, a caixa guardava todas as virtudes, e quando foi aberta, essas virtudes se perderam.

Ela fez uma pausa, os olhos firmes no grupo.

— E não culpo Pandora. Porque tudo isso foi só um plano de Zeus... uma vingança contra a humanidade.

— Tá... Tá, a culpa é toda de Zeus. O que isso tem a ver com a questão dos escolhidos? — Perguntou Nik, impaciente.

— Pelo mesmo motivo que levou os deuses a se voltarem contra a humanidade naquela época. — respondeu Sophia, séria. — Algum deus está querendo eliminar a humanidade.

— Mas isso é impossível. — Afirmou Nik.

— Impossível? — Sophia arqueou a sobancelha, intrigada pela reação. — Então me diga, por que não seria possível, Nik?

— Merda... — Hesitou Nik, percebendo que havia se colocado em uma posição delicada. — Olha, todos fizeram um acordo, tá legal? Todos os deuses assinaram um contrato, selando os encontros entre divindades e mortais.

— Ou seja... — concluiu Sophia. — Nenhum deus ou outra entidade poderia mais se encontrar, se comunicar ou atender aos pedidos explícitos dos mortais.

— “Todo aquele que se opusesse contra à decisão, sofrerá uma punição divina. Garantindo o desenvolvimento e a segurança da humanidade.” — Repetiu Nik, como se citasse a última fala de Zeus.

— *Wait, guys...* Eu não to entendendo nada. — Disse Ray, perdido.

Sophia respirou fundo, seus olhos por um instante se perderam em lembranças, antes de voltar a falar com firmeza:

— Quando Atena me escolheu, ela me explicou cada detalhe do que está acontecendo... e do que ainda vai acontecer. Tanto no Olimpo quanto aqui, na Terra. Ela chamou isso de Hecatombe... ou, para facilitar, a calamidade.

— Hecatombe... — Sussurrou Nik, claramente familiarizado com o termo.

Sophia então endireitou a postura, encarando o grupo com seriedade.

— Está na hora de eu contar um pouco mais sobre mim. Sophia Andersson... a escolhida de Atena.